



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE GRADUAÇÃO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

DAÍLA SARAIVA BEZERRA

**A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL SILVINO RODRIGUES COSTA, NO
PROJETO DE ASSENTAMENTO SANTA CRUZ II, EM ESPERANTINA-TO**

TOCANTINÓPOLIS -TO

2018

DAÍLA SARAIVA BEZERRA

**A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL SILVINO RODRIGUES COSTA, NO
PROJETO DE ASSENTAMENTO SANTA CRUZ II, EM ESPERANTINA-TO**

Monografia apresentada à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Tocantinópolis para obtenção do título de Educação do Campo com habilidade em Artes e Música, sob orientação do Professor Romário Milhomem da Cruz.

TOCANTINÓPOLIS - TO

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

B574i Bezerra , Daíla Saraiva.

A Implantação da Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa, no Projeto de Assentamento Santa Cruz II, em Esperantina-TO: A Escola Campo . / Daíla Saraiva Bezerra . – Tocantinópolis, TO, 2018.

54 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Tocantinópolis - Curso de Educação do Campo, 2018.

Orientador: Mestre Romário Milhomem da Cruz

1. Educação . 2. Luta . 3. Vivência . 4. Conquista . I. Título

CDD 370.91734

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DAÍLA SARAIVA BEZERRA

A IMPLANTAÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL SILVINO RODRIGUES COSTA, NO PROJETO DE ASSENTAMENTO SANTA CRUZ II, EM ESPERANTINA-TO.

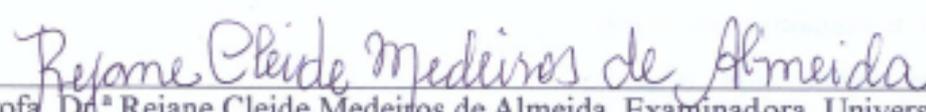
Monografia foi avaliada e apresentada à UFT - Universidade Federal do Tocantins - Campus Universitário de Tocantinópolis, Curso de Educação do Campo com Habilitação em Artes e Música, para obtenção do título de Licenciatura em Educação do Campo com habilitação em Artes e Música, e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de Aprovação 12 / 11 / 2018

Banca Examinadora:


Prof. Ms. Romário Milhomem da Cruz, Orientador, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis


Profa. Ms. Judite da Rocha, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis


Profa. Dr.^a Rejane Cleide Medeiros de Almeida, Examinadora, Universidade Federal do Tocantins, Campus de Tocantinópolis

Dedico este aos meus pais que me deram a vida, e que tanto acreditou em mim, aos meus familiares a amigos que de forma indireta e direta me ajudaram a vencer as etapas deste desafio. Pois sempre estiveram ao meu lado independentemente dos obstáculos. Simplesmente agradeço a todos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me concedido a oportunidade, e a sanidade mental por chegar até aqui. Agradeço ao meu orientador Romário Milhomem da Cruz que na altura do campeonato abraçou minha causa, por sua atenção e disposição, e pelo seu compromisso no seu trabalho, e por ter acreditado na minha capacidade, deixo-me aqui o meu muitíssimo obrigado!

A minha família, e principalmente a minha mãe Francisca Saraiva Bezerra, que sempre esteve do meu lado, nas horas de angústias, de lágrimas, me dando sempre força, me apoiando, e motivando, onde muitas vezes disse que não ia conseguir, e ela sempre me falava que eu era capaz. Ao meu pai Edivan dias Bezerra, que sempre me alertou para fazer os trabalhos, aos meus irmãos que acreditaram em mim.

Aos meus entrevistados pois ambos têm um papel relevando na pesquisa. Fazendo com que a mesma tenha fundamentação. Aos professores do Curso que me ajudou no processo de ensino aprendizagem, aos meus colegas de sala, e principalmente o grupo das ratas, Yonaralaize Rocha Cruz, Taylane Fernandes, Maria Gerlane Alves de Sousa, Ludmila Silva Almeida, Sabrina Borges, e também as colegas Gracilene e Jessica, aos amigos que conquistei em Tocantinópolis.

Agradeço também a banca pela presença e disponibilidade em avaliar a minha pesquisa.

Muito obrigada a todos!

RESUMO

A educação é um fator determinante no processo de conhecimento do mundo e de si próprio, a presente pesquisa é fruto da inquietação em conhecer a luta histórica dos assentados do Projeto de Assentamento Santa Cruz II, a mesma tratou tanto da conquista e da tão sonhada terra para produzir, quanto da implantação de uma unidade escolar onde as crianças pudessem aprender, foi enfatizado o resgate da constituição da unidade escolar municipal Silvino Rodrigues Costa. Mas, buscou também informações sobre a luta, conquista e manutenção do P. A, através dos relatos das experiências de vida dos moradores que vivenciaram esse período. Foi utilizado também documentos escritos, e um vasto referencial bibliográfico. A busca pelas informações para a realização desta pesquisa buscou seguir um aparato metodológico que lhe confiasse o perfil científico exigido na academia. Quanto à metodologia utilizada, foram realizadas pesquisas bibliográficas, visitas técnicas e observação, os instrumentos de coleta de dados utilizados foram entrevistas abertas e conversas informais. Por fim, os dados coletados permitiram observar que a escola possui uma importância histórica para a comunidade, sendo que a luta pela sua implantação se confunde as vezes com a luta pela conquista da terra.

Palavras-chave: Educação. Luta. Metodologia. Conquista. Vivência.

ABSTRACT

Education is a determining factor in the knowledge process of the world and of itself, the present research is fruit of the restlessness in knowing the historical fight of the settlers of the Project of Settlement Santa Cruz II, the same dealt so much of the conquest of the so dreamed earth for as well as the implantation of a school unit where the children could learn, it was emphasized the rescue of the constitution of the municipal school unit Silvino Rodrigues Costa. However, he also sought information on the struggle, conquest and maintenance of Fr. A through the accounts of the life experiences of the residents who lived through this period. It was also used written documents, and a vast bibliographical reference the search for the information for the accomplishment of this research sought to follow a methodological apparatus that entrusted to him the scientific profile required in the academy. As for the methodology used, bibliographical research, technical visits and observation were carried out, the data collection instruments used were open interviews and informal conversations. Finally, the data collected showed that the school has a historical importance for the community, and the struggle for its implementation is sometimes confused with the struggle for land conquest.

Keywords: Education. Fight. Methodology. Conquest. Experience.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa: Dia 02-09-2016.....	29
Figura 2 - Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa. Dia 11-09-2016.....	30
Quadro 1 - Voluntários entrevistados.....	47

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DIRETRIZES METODOLÓGICAS.....	13
2.1 Os métodos de pesquisa.....	13
2.2 Os instrumentos para coleta de dados.....	16
3 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO RURAL.....	18
3.1 Educação Rural e Educação do Campo: Principais Diferenças.....	22
3.2 A Reforma Agrária.....	24
3.3 Os Novos Interlocutores da Reforma Agrária.....	26
3.4 Os conflitos Agrários no Bico do Papagaio e a luta pela terra no P. A Santa Cruz.....	27
4 A ESCOLA CAMPO.....	29
4.1 O Projeto Político Pedagógico da Escola.....	31
4.2 As Lutas e Conquistas no PA Santa Cruz.....	32
5 ANÁLISES DE DADOS.....	36
5.1 As entrevistas.....	45
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS.....	50

1 INTRODUÇÃO

A conquista da terra em tempos conflituosos certamente foi uma das maiores realizações coletivas das comunidades que compõe as agrovilas do Projeto de Assentamento Santa Cruz II, localizado no município de Araguatins - TO, ainda hoje muito se ouve falar dos perigos e sofrimento que os trabalhadores e trabalhadoras viveram. No entanto, essa não foi a única conquista, após a consolidação do assentamento muitos eram os pais que não podiam levar suas crianças para a escola que ficava situada na Vila Tocantins, vindo assim a necessidade gritante de implantar escolas no recém-criado assentamento. Compreender esse processo de luta bem como estudar a criação da escola municipal Silvino Rodrigues Costa será o tema abordado no transcórre do presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), para a realização desta pesquisa buscou-se fazer uma abordagem que pudesse esclarecer o contexto histórico de criação do assentamento de forma clara e objetiva.

Buscou-se através de uma base metodológica construir um texto acadêmico e histórico, levando-se em consideração os documentos de autores que tratam do assunto, os relatos comumente ouvidos na comunidade estudada e a vivência dos assentados que vivenciaram esses momentos tão importantes deram ao “Bico do Papagaio” grande fama no cenário dos conflitos agrários.

O objetivo desta pesquisa monográfica foi de compreender o processo de implantação da escola municipal Silvino Rodrigues Costa e fazer um registro histórico desse processo para que os moradores do assentamento Santa Cruz II possam no futuro se reconhecer e conhecer essa tão importante história.

Para tornar possível a realização desta estabeleceu-se os limites do objeto pesquisado, bem como os métodos e mecanismos de coleta de dados, por meio desta delimitação ficou estabelecido que seria trabalhado o campo histórico, o processo de criação da escola municipal Silvino Rodrigues Costa.

A pesquisa bibliográfica foi o norte principal na construção deste Trabalho de Conclusão de Curso, foi através dela que se chegou tanto aos autores que discutem a temática quanto aos que apresentam as formas de coleta de dados. E quanto à coleta de dados, a opção feita foi a entrevista a alguns moradores mais antigos do assentamento, a mesma visou realizar um resgate ainda que oral, da história de luta e conquista da terra e da escola.

A organização da pesquisa obedece a seguinte ordem: a escrita fora dividida em três capítulos sendo que no primeiro foi abordado inicialmente o contexto teórico da educação do

campo, tendo como principais teóricos citados, dentre outros: Arroyo, Caldart e Molina (2009), Ferreira, Brandão(2011) e Ribeiro (2015).O segundo capítulo teve como abordagem a constituição metodológica do trabalho, para tanto foram utilizados autores como Prodanov e Freitas (2013), Lakatos e Marconi (2011) e Gerhardt; Silveira (2009) dentre outros. No terceiro capítulo trata-se da descrição e análises das entrevistas. Por fim apresenta-se as conclusões as quais se chegou com a pesquisa.

O interesse por esse tema surgiu mediante a curiosidade de conhecer o P. A. (e a escola da comunidade Quatro Bocas mais a fundo). Todavia, a de pesquisa foi escolhida para conhecer a Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa e sua trajetória assim como descobrir como se deu o processo de lutas e conquista pelas terras no projeto de assentamento P. A. Santa Cruz II e da escola.

A pesquisa se torna relevante pois pretende conhecer o processo de luta e implantação da unidade escolar, todavia para que os moradores que residem na agrovila hoje, possam conhecer como se deu toda essa trajetória da implantação da escola e da terra no referido P.A., pois percebe-se que muitos não conhecem, devido ter comprado a terra de um dos proprietários que lutou para essa conquista. Desse modo tem-se a seguinte problemática, como se deu o processo da conquista pela terra no Projeto de Assentamento Santa Cruz II, na microrregião do Bico do Papagaio? Nesse contexto, como se deu a implantação da escola Municipal Silvino Rodrigues Costa?

Partindo dessa temática, a pesquisa pretende compreender o processo de luta pela terra e criação do Projeto de Assentamento Santa Cruz II na microrregião do Bico do Papagaio, bem como a implantação de uma unidade escolar na comunidade. Almejando descrever o processo de luta pela terra e criação do P.A. Santa Cruz II, localizado no município Araguatins-TO, microrregião do Bico do Papagaio, compreender o processo de luta dos assentados pela implantação da unidade escolar na comunidade do P.A. Santa Cruz II, analisar o processo de ensino e aprendizagem da escola Municipal Silvino Rodrigues Costa do P.A. Santa Cruz II.

2 DIRETRIZES METODOLÓGICAS

A pesquisa mostra a implantação da Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa, no projeto de assentamento Santa Cruz II, em Esperantina - TO, desta forma o seu principal objetivo é compreender o processo de luta pela terra e criação do Projeto de Assentamento Santa Cruz II na microrregião do Bico do Papagaio, bem como a implantação e funcionamento de uma unidade escolar na comunidade na qual os moradores lutaram bastante para que no assentamento tivesse uma unidade escolar. A mesma foi realizada no P.A (Projeto de Assentamento) Santa Cruz II, setor Quatro Bocas, município de Araguatins.

Neste capítulo, é oportuno pontuar a grande relevância da metodologia científica para o estudo, no qual se detalha o método utilizado durante o processo de pesquisa, Prodanov e Freitas (2013, p.14) definem metodologia como:

A Metodologia é compreendida como uma disciplina que consiste em estudar, compreender e avaliar os vários métodos disponíveis para a realização de uma pesquisa acadêmica. A Metodologia, em um nível aplicado, examina, descreve e avalia métodos e técnicas de pesquisa que possibilitam a coleta e o processamento de informações, visando ao encaminhamento e à resolução de problemas e/ou questões de investigação. A Metodologia é a aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observados para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade.

Estes autores destacam ainda como é compreendida a metodologia e sua importância para elaboração do trabalho, abordam métodos e técnicas a serem desenvolvidos durante a pesquisa.

Ainda sobre metodologia, Lakatos e Marconi (2011 p. 44 apud Jolivet, 1979, p. 71), explica que “o método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um fim dado [...] é o caminho a seguir para chegar à verdade nas ciências”. Deste modo, a metodologia é muito importante para que o pesquisador venha delimitar os processos que foram acessados ou utilizados ao longo da pesquisa.

2.1 Os métodos de pesquisa

A pesquisa qualitativa é, segundo Lakatos e Marconi (2011 p. 269), “uma investigação que se preocupa analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências e comportamentos.” Partindo deste entendimento o estudo realizado no P.A. (Projeto de Assentamento) Santa Cruz II tem como objetivo mostrar a história de como

aconteceu o processo da conquista pela terra, além de apresentar como foi a implantação da unidade escolar Silvino Rodrigues Costa. E estará embasado também nos relatos de moradores da comunidade que participaram dessa luta, e que até hoje continuam na terra conquistada.

Nesse método a abordagem é definida da seguinte forma:

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador [...] (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

A pesquisa qualitativa é ainda uma forma de investigação, na qual o entrevistado vai ter a liberdade de contar sua história de acordo com os seus princípios, não sendo uma sequência de regras. Esse tipo de pesquisa dá a liberdade da pessoa expor sua trajetória sem seguir um roteiro, tendo liberdade de expressões. Lakatos e Marconi (2011 p. 273) ainda destacam que a pesquisa qualitativa “é flexível e aberta e tem o objetivo de obter respostas sobre o tema ou problema a investigar. E é de suma importância que o entrevistador deixe um ambiente de confiança e evite elementos que prejudicam a conversa”.

Ainda sobre o método qualitativo, serão analisados e interpretados para assim expor no presente trabalho. Deste modo, Polit, Becker e Hungler (2004, p. 201 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 33) descrevem que:

A pesquisa qualitativa, que tem suas raízes no pensamento positivista lógico, tende a enfatizar o raciocínio dedutivo, as regras da lógica e os atributos mensuráveis da experiência humana. Por outro lado, a pesquisa qualitativa tende a salientar os aspectos dinâmicos, holísticos e individuais da experiência humana, para apreender a totalidade no contexto daqueles que estão vivenciando o fenômeno.

A pesquisa, quanto aos procedimentos técnicos, é de forma bibliográfica, sendo realizada por meio de livros, de artigos, dissertações e teses relacionados com o tema da investigação, para melhor conhecimento sobre o assunto. Conforme explica Fonseca (2002, p. 32 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p. 37),

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

A mesma vem apontar a importância da pesquisa bibliografia para dar subsídios no desenvolvimento da pesquisa trabalhando diversas bibliografias que possam dialogar com o tema.

Para uma melhor compreensão do assunto, realizou-se também uma pesquisa de campo e documental, para dar subsídios e maior aproximação do tema proposto, pois de acordo com Gerhardt e Silveira (2009) a pesquisa de campo é realizada através da coleta de dados e investigações, possibilitando que se conheçam de perto os participantes da pesquisa, adquirindo assim um maior conhecimento sobre o problema de pesquisa. Por outro lado, a pesquisa documental recorre a diversas fontes de dados contidos em jornais, documentos, livros, tabelas, pinturas, relatórios das instituições, etc.

A pesquisa de campo se desenvolveu por meio de entrevistas semiestruturadas com pessoas da comunidade P. A. Santa Cruz II, em Esperantina - TO, que conhecem a trajetória histórica da conquista pela terra no P.A. Santa Cruz, assim como da implantação da escola nesse assentamento. Para tanto, foram selecionados para entrevista 04 (quatro) pessoas dessa comunidade, sendo duas que conhecem a trajetória da unidade escolar, e duas que participaram e conhecem a trajetória de luta pela terra e criação do Projeto de Assentamento Santa Cruz II e a implantação da escola nessa comunidade. Na abordagem, procurou-se como se deu esse processo de conquista da terra pelos assentados. Conforme explica Lakatos e Marconi (1991, p.186), a pesquisa de campo é aquela utilizada com objetivo de adquirir informações e conhecimento acerca do problema pesquisado onde si procura uma resposta para tal problema.

Para as mesmas autoras imediatamente citadas a entrevista é:

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, afim de que uma delas obtenha informação a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional. É um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar o diagnóstico ou um tratamento de problema social (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 195).

Através de entrevistas realizadas, o pesquisador terá mais conhecimento para melhor subsídio da pesquisa, tendo uma gama de informações, já que o entrevistado tem a possibilidade de falar com mais clareza perante a questão investigada.

Outra ferramenta fundamental foi a pesquisa descritiva exploratória e explicativa, pois a mesma pretende descrever, explorar e explicar o assunto para deixar de forma clara e objetiva o objetivo principal proposto neste projeto.

Para Gil (2007, p. 44), os exemplos mais característicos desse tipo de pesquisa são sobre investigações sobre ideologias ou aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema. Lakatos e Marconi (2001) destacam que existem três tipos de pesquisa onde seus objetivos são diferentes: a pesquisa descritiva, experimental e exploratória, que também podem ser denominadas causal ou experimental.

De forma diferente, Gil (1999) analisa que a pesquisa exploratória tem como alvo principal desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de dificuldade mais precisa ou hipóteses pesquisáveis para estudos futuros.

A pesquisa descritiva, segundo Gil (1999), juntamente com as exploratórias, são as mais utilizadas por pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática. São também as mais usadas por organizações como instituições educacionais, partidos políticos e empresas comerciais. A pesquisa de campo teve grandes subsídios para o desenvolvimento da pesquisa. Prodanov e Freitas (2013, p.59) afirmam que:

A pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presumimos relevantes, para analisá-los.

Prodanov e Freitas ainda destacam a grande relevância que a pesquisa de campo traz para melhor desenvolvimento da pesquisa. A fim de fazer primeiro um levantamento bibliográfico para colher dados e informações.

Tendo em vista que a pesquisa objetiva contextualizar o processo de luta pela terra, conseqüentemente aborda a implantação da escola Municipal Silvino Rodrigues Costa, mostrando toda sua trajetória de desmembramento do P.A. (Projeto de Assentamento). Essa pesquisa de campo retrata as lutas pelas terras no P.A. através de dados coletados na comunidade pelos moradores que conhecem um pouco dessa trajetória de luta pela conquista da terra, do P.A. e da escola. E com a escola na comunidade as crianças passaram a ter acesso à educação, pois antes algumas crianças nunca teriam ido a uma unidade escolar, enfim nunca tinha estudado.

2.2 Os instrumentos para coleta de dados

Um dos instrumentos de coletas de dados foi às entrevistas, porém foram entrevistados da comunidade P.A Santa Cruz II que trouxeram experiência e práticas com o problema pesquisado.

A entrevista visa obter respostas válidas e informações pertinentes, é uma verdadeira arte, que se aprimora com o tempo, com treino e com experiência. Exige habilidade e sensibilidade; · não é tarefa fácil, mas é básica. Quando o entrevistador consegue estabelecer certa relação de confiança com o entrevistado, pode obter informações que de outra maneira talvez não fossem possíveis (LAKATOS; MARCONI, 2003, p.199).

Desde modo as entrevistas são de grande relevância para o desenvolvimento da pesquisa. Todavia as mesmas têm um papel fundamental para a pesquisa e coleta de dados.

Outra ferramenta desta pesquisa foi à observação, onde explana melhor Lakatos e Marconi (2003, p. 190 e 191) dizendo que:

A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. A observação ajuda o pesquisador a identificar e a obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento.

Todavia a observação desempenha um importante descoberta, fazendo com que o investigador tenha acesso direto com a realidade investigada.

Postas as regras metodológicas norteadoras da pesquisa, passar-se-á agora a apresentação da pesquisa de campo, onde serão apresentados os dados colhidos como contextualização do histórico do assentamento, da escola e as análises que se fizerem necessárias.

3 EDUCAÇÃO DO CAMPO E EDUCAÇÃO RURAL

No Brasil, durante muito tempo, a Educação do Campo foi negada aos povos do campo que não tinham direito de estudar, somente as classes sociais, os altos burgueses tinham esse privilégio. Neste sentido, Arroyo, Caldart e Molina (2009, p. 09) destacam que “A educação do campo não fica apenas na denúncia do silenciamento; ela destaca o que há de mais perverso nesse esquecimento: o direito à educação que vem sendo negado à população trabalhadora do campo”. O ato de negar a educação ao povo do campo, nos permitir ver a desigualdade social com esses atores sociais.

Segundo informações divulgados pelo Anuário Estatístico do Brasil, do Instituto Nacional de Estatística, em 1900, o número de pessoas que não sabiam ler ou escrever no Brasil representava cerca de 75% da população, sendo que a maioria dos cidadãos brasileiros moravam no campo (FERREIRA; BRANDÃO, 2011). Com base nesses dados, percebemos a importância da oferta de educação para população, em especial os camponeses, uma vez que a maior parte dos habitantes era do meio rural.

De maneira geral, a Educação Rural é destinada à população agrícola, sendo esta constituída por todas aquelas pessoas que a agricultura representa o seu principal meio de sustento, sendo essas pessoas os camponeses, ou seja, aqueles indivíduos que. 136 residem e ao mesmo tempo trabalham nas zonas rurais e recebem os menores rendimentos por seu trabalho, seja este um salário, um lucro ou um juro (RIBEIRO, 2012).

Segundo Ribeiro (2015), já bem no final da década de 1930 o governo Vargas defendia que os povos do campo não migrassem para a cidade buscando conter o que ficou conhecido como êxodo rural, ou seja, o elevado número de pessoas que estavam deixando o campo para habitar nos centros urbanos, sendo esse o principal objetivo do “Ruralismo Pedagógico”, que surge também como uma forma de reduzir o analfabetismo na época.

Ainda de acordo com o autor acima citado, o assim chamado “Ruralismo Pedagógico” não foi uma política satisfatória no sentido de conseguir promover melhores condições na vida dos camponeses, não sendo suficiente também para reduzir o analfabetismo. Na tentativa de preencher essa lacuna, em 1937 o governo Vargas instituiu a Sociedade Brasileira de Educação Rural, que teve como objetivo expandir o ensino e difundir a arte e o folclore no campo.

Ribeiro (2015) destaca ainda que o projeto Sociedade Brasileira de Educação Rural ofertava curso de formação para o magistério nas escolas do campo, tendo como

responsabilidade as “Missões Rurais de Educação”, dando suporte a Campanha Nacional de Educação Rural.

Em consonância com Silva (2018), ressalta-se que nesse período as políticas de Educação Rural implementadas no governo Vargas tinham influência direta dos Estados Unidos da América. Segundo Ribeiro (2015), em 1945 a parceria entre o Ministério da Agricultura do Brasil e os Estados Unidos resultou na criação da Comissão Brasileiro-Americana de Educação das Populações Rurais. A citação a seguir mostra o objetivo desses programas:

[...] essa comissão é responsável pela coordenação e implantação de programas como os Centros de Treinamento, as Semanas Ruralistas e os Clubes Agrícolas. O objetivo desses programas é ajudar na preparação de trabalhadores rurais adultos e na formação de crianças e jovens. (SILVA, p. 37-38 apud RIBEIRO 2015).

Como se pode perceber, a Comissão Brasileiro-Americana de Educação teve como responsabilidade a preparação de trabalhadores e a formação de crianças e jovens camponeses, no entanto, os programas não conseguiram alcançar toda a população do meio rural, além de ser um desrespeito às comunidades camponesas, uma vez que, não levavam em conta os conhecimentos desses atores sociais sobre a terra e o trabalho.

De acordo Ribeiro (2015), o real objetivo do Estado com a implementação da Comissão Brasileiro-Americana de Educação seria apresentar uma nova forma de produção agrícola, articulando-se ao desenvolvimento e progresso do país. Essa política foi uma maneira de reproduzir o modelo de maquinaria norte-americano, fortalecendo a dependência de insumos e produtos agrícolas.

Entre as décadas de 1940 e 1960, o analfabetismo continuou sendo uma preocupação do governo, uma vez que, os camponeses começavam a deixar o campo em busca de novas oportunidades de trabalho nas cidades. Neste sentido, Bavaresco e Rauber (2014, p. 03) destacam que:

Os altos índices de analfabetismo assombravam o Brasil nas décadas de 1940 e 1950. Uma década mais tarde, nos anos 1960, alguns fatos agravaram ainda mais a educação do campo no país. Destacando, nesse período, a saída do homem do campo para a cidade em busca de novas oportunidades para melhorar suas condições de vida e trabalho. Porém, muitos esbarraram no sonho de uma vida melhor e não encontraram o que esperavam. Sem-terra e trabalho, consequentemente, começaram a se acumular nas periferias das cidades, formando as favelas.

Percebe-se aí que em busca de melhores condições de vida e trabalho, muitas famílias do campo foram para os centros urbanos, no entanto, tiveram dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, sofrendo com o desemprego e agora a falta de terra, passando a habitar em regiões periféricas dos grandes centros.

Na tentativa de barrar o crescente número de pessoas do campo nas favelas, o governo criou escolas e projetos para que esses atores sociais encontrassem no campo o seu sustento. Segundo Bavaresco e Rauber (2014), essas escolas não estavam comprometidas com a qualidade de ensino, que valorizassem a criança e jovens do campo, pelo contrário, eram criadas mais uma vez como uma forma de evitar problemas posteriores ao Estado, no caso, o crescimento das favelas.

No decorrer da década de 1970, ainda era elevado o número de pessoas que deixavam o meio rural para ir morar nas cidades, o que ocasionou o fechamento de muitas escolas do campo em 1980, devido à redução no número de alunos nas comunidades. De acordo Bavaresco e Rauber (2014, p. 88):

No final dos anos 1980 e início dos anos 1990, grandes mobilizações da população rural marcaram a educação do campo. Mediante muita luta, a educação do campo ficou reconhecida em leis que regulamentam a educação no Brasil, como na Constituição de 1988 e na LDB n. 9.394/96, aprovada em dezembro de 1996.

Após anos de luta e importantes mobilizações de movimentos sociais em prol de uma educação do campo, houve avanços legais com a promulgação da Constituição Federal (BRASIL, 1998, p. 126) que reconhece em seu Art. 205 a educação como "direito de todos e dever do Estado e da família [...]" e em seu Art. 206 trata da "[...] igualdade de condições para o acesso e permanência na escola". Posteriormente a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional em 1996, trata das especificidades do campo (considerando o social, político, cultural e econômico) em seus Artigos 23, 26, 28. De acordo Bavaresco e Rauber (2014, p. 88):

Com essas leis, foram abertos precedentes legais, jurídicos e políticos que trazem possibilidades de uma educação que respeite a identidade do homem do campo. Esse foi um grande momento para a educação campesina, pela primeira vez mostra-se consciência das singularidades do campo e de um processo educacional que atende às expectativas desse povo.

Essas leis significam grande avanço na luta pela Educação do Campo, uma vez que, se reconhece as singularidades da população campesina e possibilita pensar a educação respeitando a identidade dos sujeitos que vivem no campo.

De acordo Silva (2018), sem a efetivação de dispostos presentes nas leis em vigor, em meados de 1990 os movimentos sociais começaram a se articular realizando atos públicos, promovendo debates e eventos para discutir a educação do campo. Toda essa articulação recebeu o nome de Movimento por Uma Educação do Campo, que teve como principal reivindicação reforçar a responsabilização do Estado pela efetivação e oferta de educação a população do campo, além disso, os manifestantes pediam também “[...] mudanças no

currículo, no calendário, nos materiais didáticos e nas práticas didático-pedagógicas das escolas situadas no campo” (SILVA, 2018, p. 41).

Outros documentos como Pareceres, Resoluções, Leis que faz referência a Educação do Campo surgiram no decorrer dos anos 2000, no entanto, mesmo com o avanço nas legislações, tendo a educação reconhecida como um direito de todos os cidadãos, ainda se nega ao trabalhador do campo o acesso a um ensino de qualidade, em sua própria comunidade (FERREIRA; BRANDÃO, 2011).

Quando se fala em educação, logo surge o questionamento no que se refere à Educação do Campo: será que educação trabalhada no campo tem sido executada de maneira correta, respeitando o ponto de vista e a trajetória de luta dos povos do campo?

Nos dias atuais, a educação tem criado muitas metas buscando sempre alcançar altos níveis de desenvolvimento, mas o que se percebe é que a quantidade importa mais do que a qualidade da educação. De acordo Ribeiro (2008), o ensino tem que ser voltado para a realidade do aluno, para que o mesmo tenha um melhor desempenho, trabalhando com elementos de suas vivências. Ainda sobre educação quantitativa, observa-se que:

Mesmo com a expansão quantitativa da escola rural, desde a década de 1920, a educação continuou precária, não conseguindo garantir escolaridade mínima fundamental ao homem do campo. É grande o número de professores rurais que não completaram seus estudos secundários. Os problemas de evasão e repetência são graves e os índices de analfabetismo elevados (VENDRAMINI, 2007, P. 127).

O alto índice de cidadãos que não sabem ler e nem escrever ainda é bem preocupante, e não se pode desconsiderar o fato de a educação por muito tempo ter sido negada ao camponês, tendo reflexo negativo até os dias atuais.

A Educação do Campo nasceu não só com o propósito de oferecer condições dignas de acesso à educação aos camponeses, mas também quebrar paradigmas e trabalhar com a realidade do aluno, estabelecendo vínculos de uma luta camponesa que busca seus ideais, alcançando assim outra forma de desenvolvimento. Todavia, as escolas públicas situadas na área rural brasileira, em sua grande maioria, são restritas e precárias em vários aspectos, porque em muitas unidades escolares do campo há falta de infraestrutura que venha favorecer o processo ensino-aprendizagem do aluno (CAMACHO, 2013).

Em seu estudo, Veiga (2001) afirma que no Brasil há mais de 70 mil escolas públicas situadas no campo, censo da Educação de 2013. E, com base na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o ensino nessas escolas deve ser adequado às realidades do campo, garantindo conteúdos e metodologias ajustadas aos interesses da população do campo. No entanto, essa é uma realidade distante, faltam recursos financeiros e pedagógicos,

educadores especializados e transporte público de qualidade que garanta a frequência dos alunos.

Os autores Arroyo, Caldart e Molina (2011) lembram que um dos maiores desafios da Educação do Campo é a adequação de conteúdos voltados para a realidade do camponês, e acreditam que a capacitação docente precisa ter avanços.

Em seu estudo, Costa e Cabral (2016) destacam a superação do paradigma sobre a educação rural para o da Educação do Campo, na qual os mesmos destacam a proposta de melhoria do ensino-aprendizagem nos aspectos das políticas públicas, assim melhorar as bases metodológicas, trabalhando a valorização dos povos do campo, visando às experiências dos mesmos, que assim venham destacar suas culturas e valores. Tendo entre suas pautas a educação do campo. Neste sentido, destaca que:

É preciso compreender que a educação do campo não emerge no vazio e nem é iniciativa das políticas públicas, mas emerge de um movimento social, da mobilização dos trabalhadores do campo, da luta social. É fruto da organização coletiva dos trabalhadores diante do desemprego, da precarização do trabalho e da ausência de condições materiais de sobrevivência para todos (VENDRAMINI, 2007, p.123).

Como é perceptível, a Educação do Campo surge a partir de discussões e lutas de uma organização coletiva dos trabalhadores, que tem hoje como principal interlocutor o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST), não sendo, no entanto, a única. Corroborando com essa afirmativa o trabalho de Costa e Cabral (2016) onde mencionam que através dos movimentos sociais nasce a Educação do Campo, todavia a educação rural vem de uma extensão da zona urbana, fortalecendo um sistema de ideias dominante em que oprime e exclui os camponeses de sua realidade, fazendo com que os filhos dos camponeses conheçam outra realidade, e acabem deixando a sua verdadeira identidade de lado. É nesse aspecto que procuramos romper e superar os paradigmas da educação rural para a Educação do Campo. Isso porque os povos do campo trazem suas vivências, estabelecendo suas culturas dentro da comunidade onde produzem em seu espaço e conquistam a educação como direito de todos.

3.1 Educação Rural e Educação do Campo: Principais Diferenças

Damasceno e Bezerra (2004) revelam em seu estudo que 37 mil escolas foram fechadas em áreas rurais em 10 anos, sendo esse índice bem alto. Logo, um dos principais desafios que temos hoje é lutar pela reabertura dessas escolas rurais que estão esquecidas pelos políticos, além da construção de novas escolas nas áreas rurais.

Ao se analisar as concepções de Educação Rural e de Educação do Campo na luta demandada pelos movimentos sociais que representam os povos do campo, na superação epistemológica dos padrões educativos que espalham percepções conservadoras e impositivas de mundo e de ser humano, entendemos a forma como o conhecimento é edificado e como estas compreensões intervêm no controle do método educativo (COSTA; CABRAL, 2016).

Nesse aspecto, defendemos que a Educação do Campo tem os camponeses como o principal protagonista, na qual seus saberes é o alvo para o desenvolvimento dos povos do campo estabelecendo vínculos com suas culturas, suas vivências do dia a dia que garantam o seu direito à educação pública gratuita e de qualidade.

A escola no campo brasileiro surge tardiamente e não institucionalizada pelo Estado. Até as primeiras décadas do século XX, era destinada a uma minoria privilegiada; embora o Brasil fosse um país de origem e predominância eminentemente agrária, a educação do campo não foi sequer mencionada nos textos constitucionais até 1891, evidenciando o descaso dos dirigentes e as matrizes culturais centradas no trabalho escravo, na concentração fundiária, no controle do poder político pela oligarquia e nos modelos de cultura letrada europeia (RAMOS, MOREIRA, SANTOS, 2004, p.7).

A escola do campo surge para priorizar os camponeses que trabalham no campo para que seus filhos tenham uma vida digna, e que tenham um estudo de qualidade voltado para sua realidade, trazendo aspectos de sua vivência.

Conforme Salles et al. (2014), as escolas do campo têm como propósito oferecer um aprendizado às comunidades rurais, favorecendo o processo de ensino e aprendizagem dos discentes, fazendo com que os mesmos possam construir saberes com suas próprias culturas, suas crenças e tradições. Além disso, é de fundamental importância o professor conhecer a realidade do aluno e através dela conhecê-lo melhor, o que permite trabalhar aspectos de sua realidade que convém para o melhor desenvolvimento do discente. Isso faz com que o aluno se desenvolva de um modo geral, proporcionando uma melhor qualidade de vida a sua família e ao próprio aluno, qualificando-o para atuar profissionalmente em sua própria comunidade.

Conforme Silva (2018), na atualidade, quando falamos em uma educação dos camponeses, que são grupos minoritários, percebe-se que a Educação do Campo é deixada de lado no rol das políticas públicas, ainda que o Estado tenha inserido este assunto na pauta das discussões por ocasião das reformas da educação, mesmo tendo um longo caminho a ser percorrido para que haja uma educação de qualidade, que atenda às necessidades de desenvolvimento dos indivíduos. Para alcançar isso, é necessário que haja uma atenção à Educação do Campo que venha atender as demandas do povo camponês, respeitando suas singularidades.

Dando sequência, Silva (2018) em seu estudo vem abordar que a educação popular foi criada pelos povos com base nos seus valores, pois em 1960/1980 o educador Paulo Freire foi o principal representante da classe camponesa que defendia seus valores, culturas e suas identidades. Freire defendia uma educação transformadora que acabou ganhando força no país, alertando então os movimentos sociais do campo a irem à luta pelos seus direitos como cidadão, conseqüentemente, através dos mesmos na década de 1990, veio a Educação do Campo, trazendo melhorias para o povo camponês.

Quando se falamos em Educação rural, é assentado as questões de paradigmas do capitalismo agrário. Sendo que, o Rural é entendido como relação social do campo a ser plantada no modelo econômico designado de agronegócio. Nesse contexto, “a Educação Rural vem sendo construída por diferentes instituições a partir dos princípios do paradigma do capitalismo agrário, em que os camponeses não são protagonistas do processo, mas subalternos aos interesses do capital” (FERNANDES, 2006).

Como se sabe, a escola deve ser um espaço de formação social e política dos sujeitos, ainda que exista um processo de construção entre professor e aluno, estabelecendo vínculos de cada realidade que se insere, ocasionando uma socialização dos saberes acumulados ao longo da história. É preciso estabelecer vínculos com a cultura de cada indivíduo que se insere na sua determinada comunidade, portanto, o processo de conhecer a realidade do aluno é de fundamental importância para o desenvolvimento do mesmo, que juntos professor e aluno vão aprender e ensinar fazendo assim um processo de construção.

3.2 A Reforma Agrária

Segundo os autores Oliveira, Crestani e Strassburg (2014) a história agrária do Brasil teve início com a ocupação das terras da América do Sul, descoberta pelos portugueses, que abriram portas com o objetivo de explorar os recursos naturais existentes nessas terras habitadas por poucos.

Importante salientar que os autores Canuto e Balduino (2003), apresentam que “O papo sobre Reforma Agrária não pode ser muito antigo assim, mais tem muito tempo que faz parte do debate nacional. Foi no final dos anos 50 e início dos anos 60, com o processo crescente da industrialização no país.” Porém a reforma agrária veio para o Brasil após a Constituição Federal de 1946, e a mesma nos últimos anos vem ganhando impulso em seus âmbitos, pois a mesma está ganhando seu espaço. No entanto, Prado Júnior (2007, p.161) defende que,

Esse aspecto da reforma agrária tem sido subestimado, inclusive e particularmente pelas correntes políticas de esquerda que acentuam quase unicamente o outro aspecto dessa reforma que vem a ser o parcelamento da propriedade rural e a eliminação do latifúndio. Costuma-se mesmo, frequentemente, reservar a esta última categoria de medidas, qualificação de “reforma agrária”, excluindo dela, expressa ou implicitamente, a aplicação da legislação trabalhista que é relegada a um papel secundário e apagado.

O mesmo autor destaca ainda que a reforma agrária de certa forma é decorrente das políticas públicas, que teve influências com os movimentos sociais, buscando melhorias em prol da legislação trabalhistas. Mas o resultado é questionável, como se ver em Canuto, Balduino (2003, p. 41 e 42):

Entretanto, mais que programa de Reforma Agrária, o que se viu no Brasil foi uma grande reforma de siglas de órgãos que se dizem destinados a efetivá-la. Até o golpe militar de 1964, o órgão responsável pela Reforma Agrária chamava-se superintendência da Reforma Agrária (Supra). A mobilização da sociedade em torno a este tema, a reivindicação dos trabalhadores que reivindicavam e a agitação que se instalou no campo, notadamente no Nordeste, com as ligas camponesas, e no Centro Oeste, com a mobilização camponesa de Trombas e formoso (em Goiás).

Na citação acima os autores enfatizam que desde que veio a Reforma Agrária surgiu vários programas importante para a sociedade, “criando-se ao mesmo tempo, o Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) e o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA), em substituição à Supra.” Canuto e Balduino (2003).

Ainda sobre reforma agrária Vendramini (2007), apresenta que “em todo o país, funciona um Programa Nacional de Educação da Reforma Agrária - PRONERA. Em convênio com aproximadamente cinquenta universidades, que atendeu em torno de trinta mil jovens e adultos assentados e conta com três mil educadores”. O autor ainda salienta que os movimentos sociais do campo lutam por uma reforma agrária, e por uma educação voltada para a realidade do camponês. Conseqüentemente iremos inserir um tópico sobre a luta pela terra.

A situação fundiária no país nas décadas anteriores como salienta Filho e Fontes (2009) que “o Brasil herdou do período colonial práticas concentradoras de terras e até hoje o país apresenta problemas relacionados à distribuição de terras”.

O início da formação das propriedades no Brasil começa ocorrer de fato a partir de 1530, quando é instituída a colonização de exploração baseada na monocultura de cana-de-açúcar, denominada plantation. Esse modo-de-produção era uma combinação entre monocultivos, latifúndios (grandes extensões de terras) e mercado exportador (MORISSAWA, p. 65 apud Filho, José Luiz Alcântara; Fontes, Rosa Maria Oliveira, 2009).

Os autores acima citados mencionam quando começou a formação das terras para as grandes plantações, e muitos anos depois veio a Reforma Agrária para o Brasil, que surgiu após a Constituição Federal de 1946 através das primeiras propostas de lei.

3.3 Os Novos Interlocutores da Reforma Agrária

Segundo Santos (2017), sabe-se que a luta pela terra não é uma batalha recente vem desde muito antes, e muitas pessoas lutam para ter um pedaço de terra para morar e fazer suas plantações para o sustento da família. Porém a luta pela terra no campo brasileiro demonstra o grau de preocupação, onde gera de um lado possuidor de grandes lotes de terras, e do outro o sem-terra. Contudo, as reivindicações do MST e de outros movimentos sociais vêm produzindo diversas modificações no espaço agrário e provocando embates territoriais de grande influência no Brasil, o povo camponês está recorrendo aos seus direitos como cidadãos, garantindo uma terra para seus sustentos, que os mesmos venham plantar e colher. Fazendo plantações nas terras trazendo benéficos, gerações de renda, tornando-a uma terra fértil capaz de produzir alimentos, que venham gerar rendas e benefícios para os camponeses.

De acordo com Girardi e Fernandes (2008), o processo de luta pela terra acontece por meio de ocupações e a ideia de criação de assentamentos rurais, conseqüentemente, constitui-se através das lutas em prol da conquista pela terra. De acordo Marques (2006, p. 4):

A criação do MST é, portanto, resultado de conflitos desencadeados no campo numa fase caracterizada pelo forte crescimento econômico do país, associado ao avanço da industrialização e da oferta de trabalho urbano, mudanças significativas na cidade. Porém, sua consolidação se dá num novo momento, quando o país reafirma sua opção por um modelo de agricultura extremamente excludente e as oportunidades de trabalho na cidade tornam-se mais restritas. Muda a base social que compõe o Movimento e sua forma de ação, com repercussões sobre sua identidade. O MST tem desenvolvido, cada vez mais, ações de formação e recrutamento também entre trabalhadores pobres residentes nas grandes cidades e se envolvido com lutas anti-sistêmicas em diversos níveis.

O MST é um movimento que tem mostrado que a maioria do povo precisa mudar suas atitudes, para ter avanços na agricultura, trabalhando para que a terra tornasse fértil que produza alimentos saudáveis. Posteriormente o movimento dos trabalhadores sem-terra vem se desenvolvendo, mais são conhecidos por uma boa parte da sociedade pela ocupação das terras, porém muitos não procuram entender os princípios do MST.

A ocupação é uma ação que inaugura uma dimensão do espaço de socialização política: o espaço de luta e resistência. Esse espaço construído pelos trabalhadores é o lugar da experiência e da formação do Movimento. A ocupação é o movimento. Nela fazem-se novos sujeitos. A cada realização de uma nova ocupação de terra, cria-se uma fonte geradora de experiências, que suscitará novos sujeitos, que não existiram sem essa ação. A ocupação é a condição de existência desses sujeitos. Ao conceber a ocupação como fato, esses sujeitos recriam a sua história. Não concebê-la é não ser concebido. Com a ocupação, cria-se a condição nova para o enfrentamento. Na realização da ocupação, os sem-terra, sem, ainda, conquistarem a terra, conquistam o fato: a possibilidade de negociação [...] (FERNANDES, 2001 p. 45).

O autor acima citado ainda salienta que há outros fatores que impulsionaram os camponeses a ocupar as terras, como a necessidade de plantar e colher para seu consumo diário, para o sustento da família. No entanto, o processo de luta pela terra e criação de assentamentos rurais se deu por meio de um conjunto de fatores apresentados.

Na região do Bico do Papagaio, extremo norte do Estado do Tocantins, alguns fatores ocasionaram conflito pela ocupação da terra. Segundo Silva (2011), os fatores que induziram tais conflitos foram dois: de um lado grandes latifúndios improdutivos, do outro lado muitas famílias sem-terra vivendo em extrema miséria nos arredores das pequenas cidades da região, essa é uma realidade muito preocupante, devido ter diversas famílias necessitadas que precisavam de uma terra para gerar seu sustento.

3.4 Os conflitos Agrários no Bico do Papagaio e a luta pela terra no P.A Santa Cruz II

Segundo Oliveira, Crestani e Strassburg (2014) “a região do Bico do Papagaio localiza-se no extremo norte do Estado do Tocantins, está compreendido entre os rios Araguaia, a Oeste, e Tocantins, a Leste; fazendo fronteira entre o Estado do Pará, a Oeste, e Maranhão, a Leste.” Na qual:

Marcada pela pobreza, pela agricultura de subsistência, pela ausência de serviços básicos de infra-estrutura, saúde e educação essa região foi responsável por um dos episódios mais sangrentos dos conflitos fundiários durante o Regime Militar do país, como o assassinato do padre Josimo Tavares, em 1986, no escritório da Comissão Pastoral da Terra (CPT), Araguaia-Tocantins (Oliveira, Crestani e Strassburg, 2014 p. 198).

Padre Josimo Moraes Tavares (1953-1986) era um líder católico, sendo considerado um homem de grande influência no processo de construção do P.A Santa Cruz II, e de vários outros na região,(Projeto de Assentamento) em prol da luta pela terra, onde ajudou muitas pessoas. O autor Moreira (2017) vem abordar em seu estudo que Padre Josimo já dizia que sua morte já era anunciada.

Mesmo sabendo que era ameaçado por fazendeiros e empresários do campo que já haviam decretado a pena de morte à Tavares, mais mesmo sabendo do que estava acontecendo, padre Josimo se encontrava firme na luta pelos camponeses oprimidos e injustiçados e o mesmo ainda declarou “Pois é, gente, eu quero que vocês entendam que o que vem acontecendo não é fruto de nenhuma ideologia ou facção teológica, nem por mim mesmo, ou seja, pela minha personalidade”.

Os moradores lembram que Tavares lutou junto com os camponeses, enfrentando os grandes fazendeiros, lutava lado a lado com o povo defendendo seus direitos de cidadãos. O

mesmo estava empenhado na luta pela causa dos pobres lavradores indefesos, povo oprimido nas garras dos latifúndios.

A luta e os conflitos agrários ocorridos na região do Bico do Papagaio, nas décadas de 1960 e 1980. O período dos conflitos fundiários no Bico do Papagaio foi um processo de amadurecimento dos pequenos agricultores que vivenciaram uma época de violência, medo, coerção de seus direitos básicos, como a liberdade de ir e vir; logo, pode se dizer que foi o período mais violento de conflitos fundiários que o Brasil já viveu (Oliveira, Crestani e Strassburg, 2014 p. 218).

A região do Bico do Papagaio foi uma área que ocorreu muitos conflitos, para se conquistar um pedaço de chão, e o padre Moraes Tavares foi uma grande influência para os camponeses continuar lutando e defendendo seus direitos. Sempre defendendo a luta pela terra e uma educação de qualidade para os mesmos.

O movimento de luta pela terra se deu em contra ofensiva ao posicionamento do governo que no início da década de 80 criou pelo Decreto-lei nº 1.767, de 1º de fevereiro de 1980, o GETAT (Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins) que teoricamente deveria atuar para tentar solucionar os problemas agrários no Bico, e teve por finalidade coordenar, promover e executar as medidas necessárias à regularização fundiária na área de atuação da coordenadoria especial do Araguaia -Tocantins, mas o que se viu foi a expulsão dos camponeses de suas terras. O GETAT deveria articular o desenvolvimento agrário do então norte do Estado de Goiás.

Como se observou a educação do campo fora tratado durante muitos anos apenas como uma extensão ao modelo ofertado na cidade, não havia interesse político nem destinação de recurso para desenvolver uma educação no campo voltada para o homem do campo. A luta por terra veio junto com a organização dos trabalhadores, desta forma, ao conquistarem a tão sonhada propriedade como já havia um embrião de organização percebeu-se que o modelo de educação deveria atender suas necessidades.

Apresentados os componentes teóricos que norteiam esta discussão, doravante discutirão as diretrizes metodológicas que nortearam a realização desta pesquisa monográfica.

4 A ESCOLA CAMPO

A escola Municipal Silvino Rodrigues Costa localizado no P.A Santa Cruz II, Setor Quatro Bocas/ Zona Rural, próximo às margens do rio Araguaia, Município de Esperantina – TO. Seu funcionamento iniciou em 1987, Lei de criação: 025/99 de 16/1999. De acordo com relatos a Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa, tem esse nome em homenagem a um aluno que estudava na escola. Abre-se um parêntese para uma explicação necessária, o assentamento geograficamente pertence ao município de Araguatins, no entanto, a escola tem como mantenedora a Secretaria de Educação do Município de Esperantina –TO. De acordo com populares a região nunca teve nenhuma relação com o município de Araguatins, e por suas vilas estarem localizadas próximas a um distrito de Esperantina chamado Vila Tocantins, a prefeitura local assumiu a gestão da escola.

A escola está dividida em duas partes de um lado funciona a sala da secretaria com duas salas de aulas do lado tem também um minilaboratório e uma cantina, já do outro lado tem duas salas de aula e uma sala para os professores. Então a escola está dividida em oito cômodos, no processo de observação foi possível identificar que o telhado é de feito de telha de barro e se encontra em um estado razoável, já a pintura está muito danificada, o piso em várias partes está muito estragado, não é murada, possui dois banheiros em péssimas condições de uso no qual o mesmo estava vazando muita água. A escola encontra-se em reforma desde o início do mês de Julho de 2018.

Figura 1 - Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa: Dia 02-09-2016.



Fonte: da autora (2018).

Figura 2 - Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa. Dia 11-09-2016.



Fonte: da autora (2018).

No ano de 2016 foram matriculados 144 alunos divididos educação infantil, II, III, 1º, 2º, 3º, 4º, 5º do fundamental I, que funciona no turno matutino, e o 6º, 7º, 8º, 9º ano no turno vespertino. A maioria dos discentes vem de outras vilas como vila Esquinão, vila Campestre, e outros discentes moram nas terras afastadas das vilas.

Existem dois transportes que carrega os alunos, uma Van, contratada pela prefeitura e um ônibus escolar que transporta alunos do turno matutino, vespertino e noturno. No período noturno é transportado alunos do ensino médio para Escola Estadual em vila Tocantins. O transporte demora mais ou menos uma hora para transportar todos os discentes, quando o carro quebra, alguns alunos se deslocam até a escola de moto, bicicleta, ou de cavalo ou até mesmo de pé, enquanto que outros perdem aula durante o período que o carro está quebrado.

No ano de 2018 trabalham na escola 16 funcionários sendo uma coordenadora da educação infantil ao 5º ano no turno matutino, e outra coordenadora do ensino fundamental de 6º ao 9º ano do turno vespertino. Um diretor na qual responde pelo processo burocrático da escola junto com as duas coordenadoras tem duas merendeiras e três zeladoras. No turno matutino trabalham três professoras sendo que as turmas são multisseriadas educação infantil II, III, e 1º ano uma turma, 2º e 3º ano outra turma, 4º e 5º ano junto. No turno vespertino trabalham cinco professores cada um com 16 horas aulas semanais de 6º ao 9º ano.

Observando as aulas ministradas pelos professores do fundamental I percebe que os professores se esforçam para ministrarem suas aulas, no entanto, as condições das salas de aula não convêm, pois é pequena, escura com estragos nas paredes.

Foi possível observar que na Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa não tem aula de música, a resposta obtida, foi por que não tem professor formado na área, e que também não faz parte da estrutura curricular embora a escola tenha alguns instrumentos tais como: violão, cavaquinho e teclado, que foram comprados com o dinheiro de um projeto chamado “Mais Educação” que era desenvolvido na escola. Após o fim do projeto os instrumentos ficaram para a escola. Os instrumentos estão parados sem nenhum funcionamento. Com a observação do dia-a-dia da escola e dos alunos percebeu-se que são realizadas atividades com os alunos que visam dentre outras coisas desenvolver várias habilidades no educando como expressão corporal, exercício mental e outras vantagens, assim ajudando formar na sociedade cidadãos de bens preparados para o meio em que vive.

4.1 O Projeto Político Pedagógico da Escola

Aos 02 de Abril no ano corrente, foi realizada uma visita a Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa, com objetivo de analisar o PPP (Projeto Político Pedagógico), ao chegar o primeiro contato foi com a coordenadora Francisca Saraiva de Sousa Bezerra da unidade escolar e o diretor Deusivan do Nascimento Oliveira, os mesmos relataram que o PPP foi feito em 2010 e se encontra desatualizado, mesmo assim foi disponibilizado para que fosse lido e analisado.

O Projeto Político-Pedagógico (PPP) deve se constituir na referência norteadora de todos os âmbitos da ação educativa da escola. Por isso, sua elaboração requer, para ser expressão viva de um projeto coletivo, a participação de todos aqueles que compõem a comunidade escolar. Todavia, articular e construir espaços participativos, produzir no coletivo um projeto que diga não apenas o que a escola é hoje, mas também aponte para o que pretende ser, exige método, organização e sistematização (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2010, p. 1).

O Projeto Político Pedagógico, é na sua essência um instrumento que bem utilizado pode traçar metas de trabalho de uma unidade escolar, reunir a equipe escolar para juntos elaborarem propostas de acordo as leis vigentes de educação, contemplando a realidade da escola e a qual norteará as ações de toda equipe envolvida com o processo ensino-aprendizagem, desta forma, refletir sobre os problemas detectados no ano anterior, na busca de possíveis soluções envolvendo parcerias entre comunidade e escola para que possam

desenvolver um ensino qualitativo, inovador, democrático e condizente com a realidade da comunidade, é um dos caminhos possíveis e necessários para a consolidação do ensino.

O PPP (2010) da escola tem como objetivo geral; “assegurar um trabalho político social-cultural, mediador com a comunidade visando a qualidade de ensino, a permanência do aluno na escola como principal agente transformador” (PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO, 2010,p. 6).

De acordo com o PPP (2010) da escola os professores são divididos em dois grupos, o primeiro daqueles com formação de técnico em magistério e o outro formado por profissionais de nível superior. Apesar dessa distinção, observa-se certa harmonia e que tanto um grupo quanto o outro visa sempre o bom desempenho das atividades e dão o melhor de si.

No tangente ao apoio pedagógico a escola conta hoje com: data show, internet, caixa amplificadora, máquina de impressora, computador.

No processo de observação viu-se ainda que apesar do esforço dos professores e demais servidores, a escola não passa inerte à desestruturação do ensino público, foi possível observar que a escola não tem estrutura para desenvolver as atividades extras como a aula de educação física, não possui quadra de esporte, tem apenas um campinho do lado que os próprios alunos fizeram, cheio de altos de baixos. O desinteresse por parte dos alunos, muitos usam a escola como ponto de encontro para diversão.

Apesar das situações negativas observadas, há na escola alunos exemplares, como outros que lá estudaram e hoje terminaram a faculdade e já estão trabalhando, uns em Universidade como professor, outros técnicos agrônomos, e advogado etc. com certeza carregam um pouco dos frutos do trabalho dos professores dessa unidade escolar.

4.2 As Lutas e Conquistas no PA Santa Cruz

As conquistas da classe trabalhadora quase sempre são precedidas de muitas lutas, geralmente são decorrentes de esforço, dedicação empenho e as vezes do próprio sangue do trabalhador que no afã de escapar das desigualdades sociais aprende a viver e conviver com outros na mesma condição de vida, aprendem a lutar pela vida juntos tendo por suporte apenas um fio de esperança da conquista e de uma vida melhor. Este é o cenário de conquista, sobretudo no campo, no P. A. pesquisado não foi diferente, pois para conquistarem um pedaço de chão para viverem tiveram que enfrentar os grandes latifundiários em momentos de tensões e até conflitos armados que custaram a vida de alguns camponeses.

No entanto, os conflitos cessaram, as tensões se dissiparam e hoje restam somente as lembranças latentes repousando na mente daqueles que corajosamente participaram desse evento e lutando pelo direito de lavrar o chão e criar suas famílias, pelo direito de estarem vivos.

■ A Escola

Segundo seu Francisco de Jesus Filho, Silvino Rodrigues Costa foi um dos Primeiros homens a mora nessa região do P.A Santa Cruz II. E quando colocaram esse nome ele já tinha saído da região saiu expulso por conta de fazendeiro, como ele um dos mais velhos da região colocaram esse nome

Os entrevistados trataram sobre a conquista da terra e a construção da escola, as entrevistas como dito anteriormente nesta, foram semiestruturadas onde os entrevistados com base num roteiro iam contando o que lhes viam na mente, a primeira entrevista realizada com o Sr. Francisco de Jesus Filho, a segunda com o Sr. Francisco Alves de Oliveira mais conhecido como “Buneco” e por último com o Sr. Eugênio Pereira. Sobre as percepções iniciais das entrevistas, nota-se que mesmo com sua linguagem própria eles conseguem descrever os principais eventos ocorridos na luta pela conquista da terra.

Ressalta-se inicialmente que há na conversa dos entrevistados um profundo sentimento de pertencimento a classe de trabalhadores rurais e que se sentem orgulhosos de tudo o que foi feito. Entendem que o que os caracterizavam, e que segundo eles talvez tenha sido o elo que os mantiveram unidos na conquista da terra, foi a condição de lavrador que cada um junto com seus familiares possuíam, e que a falta de terra para trabalhar e tirar o sustento das famílias foi o ponto culminante na empreitada que viveram.

De acordo com o relato do Sr. Francisco de Jesus Filho, afirma que a primeira escola do assentamento foi construída no setor Campestre, e que fora o próprio que a construiu, fruto de uma empreitada com o Sr. Zé Guilherme, então prefeito. O mesmo afirma que a escola era rústica feita de palha e os bancos eram confeccionados de talos de coco. Depois afirma ainda o entrevistado, foi que surgiu a escola aqui pesquisada.

Segundo relato da senhora Maria Lúcia Ferreira Marcolino, a implantação da escola Municipal Silvino Rodrigues Costa, se deu por meio do empenho e da luta dos moradores que através de varias reuniões na comunidade reivindicaram e foram atendidos. Estes moradores foram os mesmo que fizeram a primeira escola de taipa na comunidade.

Ainda de acordo com os relatos a construção da escola foi realizada em forma de multirão, nesse período varias reuniões foram realizadas com o intuito de conquistar a tão sonhada educação para o setor. Formam instrumentos essenciais na organização desse processo o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e a Associação local. O processo de construção da escola foi desencadeado pela percepção dos moradores que haviam muitas crianças na comunidade, e por falta de recursos para o deslocamento até Vila Tocantins, os mesmos estavam fadados a ficarem sem educação. Diante da necessidade, e com o apoio fundamental de duas religiosas, (Bia e Mada), que após reuniões, algumas com a presença de representantes do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agraria), decidiram construir uma casa de taipa para funcionar temporariamente como escola.

A relatante afirma ainda que vencida esta etapa, era necessário contratar uma professora para lecionar, após algumas reuniões foi escolhida a moradora local Maria das Graças Alves de Almeida, a mesma foi escolhida por ter experiência na área da educação, o contrato da professora foi celebrado junto à prefeitura de Araguatins.

Por fim afirma Marcolino, a professora contratada pela prefeitura do município de Araguatins saiu de casa em casa fazendo a matrícula dos alunos e iniciou suas aulas no ano de 1988, ao organizar a turma multisseriada desde ABC a quarta série do ensino fundamental, até após naquela época não tinha merenda. Mas isso não foi um obstáculo para os discentes, era um período em que existiam muitas frutas e eles comiam ao retornar para casa a pé.

O Sr. Eugenio também recorda que no ano de 1979, vieram construir a primeira escola da comunidade, e tal qual o senhor Francisco Jesus Filho, relembra que a mesma era rústica e não oferecia condições mínimas de aprendizagem, orgulha-se da escola que a comunidade tem hoje.

O Senhor Francisco Alves informa que a primeira professora da comunidade, ainda na escola do setor campestre fora sua esposa Conceição, que iniciou lecionando na igreja até a comunidade se organizar e construir com suas próprias mãos uma, segundo ele, “tapera” que serviria de escola. Afirma ainda que após a emancipação do município de Esperantina sua esposa por questões políticas fora substituída, ação essa que mudaria após o final do mandato do prefeito.

Como se pode observar apesar dos relatos apresentarem um certo lapso temporal, os entrevistados mostram conhecer a história da construção da escola, sabem que a mesma é fruto da sua luta e do engajamento com alguns organismos externos, reconhecem a importância e orgulham-se de ter uma escola em sua comunidade. Doravante falar-se-á um pouco da história da conquista da terra.

■ A Conquista da Terra

Dando sequência, serão abordados agora fatos importantes na conquista da terra. Para dar maior veracidade nas informações quanto à conquista da terra optou-se em transcrever fielmente os relatos contidos nas entrevistas. Adiante far-se-á uma breve análise.

4 ANÁLISES DE DADOS

1ª Entrevista

Meu nome é Francisco de Jesus filho sou filho de lavradores, e nasce no Piauí tenho 70 anos, tenho 51 anos de casado, e quando eu cheguei pra cá nos anos 80 pra essa região do P.A Santa Cruz II, eu cheguei teve que passar por dentro daquela água que tem perto da Vila Tocantins, e no dia que me adentrei nessas terras tava com dois dias que tinham butado fogo e algumas casas tavam caindo os caibo, tudo queimado na estrada que vai pro Campestre, e estava fumaçando pra todo lado, e a maioria do pessoal já tinha saído de lar foram para o povoado São Francisco, ai nos ficuemo e eu fui trabalhar no São Francisco, ali lá passei a trabalhar nas terras do Osvaldo Preto lá do Buriti do Tocantins. Aqui era só uma terra só, ainda não era dividida lá da Araguaína pra cá só era uma terra, aí fomos fazer as roças nas terras do Osvaldo Preto, ai quando estava lá na terra do Osvaldo, surgiu essa invasão aqui no P.A ai eu como pai de família que tinha que trabalhar por que não tinha condição de sustentar meus filhos e a mulher, nem mesmo condição de comprar uma terra eu tinha, ai eu pensei o seguinte rapaz eu só tenho uma vida e essa assim mesmo vou ariscar. E nessa época tinha as igrejas pra nus ajudar, inclusive as igrejas católicas, que tinha o Padre Josimo que nus ajudou muito, pois não era só eu.

A primeira ferramenta que nus ajudou foi o sindicato, que orientou a fazer o sindicato todo mundo, ai quer certo nessa época nos era 200 e tantos homens, trabalhando do são Francisco a comunidade campestre. Então nós como era um grupo grande passamos a morar aqui no P.A Santa Cruz, que nesse tempo era só uma fazenda muito grande, esses mais de 200 e tantos homens trabalhava o dia todo, e de noite nós ia pro mato esperar, ai comecemos cortar os variantes que eram as estradas, eu ralei muitas vezes as costas e as canelas, de quatro pés puxando a espingarda e esguardicendo os companheiros, um bucado na frente e um bucado atrás. Ai toda vez que nós saia pra algum lugar o povo falava, “Rapaz os pistoleiros mata vocês, e nós só respondia mata nada moço. Então quando nós chegava à comunidade São Francisco o povo perguntava se nós ia voltar pra lá, e nós vamos sim, lá ta cheio de homens, e todos eles tão pelejando pra adquirir um pedaço de terra, e assim nós levamos a vida pra frente fomos trabalhando e levando a vida pra frente, quando eu findei esse serviço aqui, que era eu quem puxava a linha pros outros.

Quando nós saímos aqui nessa estrada aqui perto da terra do compadre Moura, nós estava só em três companheiros, e até essas alturas, eu não sabia onde ia ficar o meu pedaço

de terra. Esse lugar que hoje eu estou em cima era do nascimento, quando nós chegamos bem aqui perto de um variante era do pessoal do Zé Agostinho Pai do Ogeno, aí quando chegamos aqui eles iam saindo ali, ai não deu a metade da nossa terra então nós topemos eles aqui e falemos, ai já tinha entrado um cara pra ali, lá da Vila Tocantins e falou é de fulano, e eu falei, “pois você fale pra ele que enquanto eu não tirar um pedaço pra mim, homem nenhum entra aqui mais, tava eu e o cumpade Luiz sem-terra.

Ai esse pedaço aqui era do nascimento, e ele foi até onde eu, e me falou que ia ceder um pedaço, ia ver se ajeito um pedaço na beira do brejo, ai já fomos fazer as roças, fomos brocar por que nós companheiros trabalhava de mutirão, ai plantemos as roças, e essa foi a primeira grande roça que eu fiz bem aqui nesse exato lugar onde moro até hoje, aqui fiz minha primeira roça.

E o povo só falando que os pistoleiros iam tacar fogo nas nossas roças, ai quando nós queimamos as roças para o plantio, fomos fazer umas casas no campestre, que hoje em dia é uma comunidade, ai fomos, pra você ver quando o cara ta de sorte curta, quando eu tava aqui tirando as madeiras pra fazer as casas, ai fim de semana nós fomos brocando, ai quando cheguei na casa do cumpade Chico, nesse tempo ele era o delegado do sindicato, ai só a época que você fica bonito é quando você não tem nada, quando chego na casa do cumpade chico ele vem logo me falando, cumpade agora tu tabunito, e disse, “que foi rapaz? “Rapaz cumpade teu paio de arroz queimado ta lá só a cinza, eu disse” se queimou tem nada não, e ai fiquei maginando rapaz o arroz queimou todim, o cumpade disse, rapaz o fogo lá foi tão piqueno que queimou a tela do cumpade ficou só a pracata lá, isso é uma base de uns 80 sacos de arroz, e eu com um magoti de fi tudo piqueno.

Aí colocaram a minha cabaça, rapaz tu vai lá onde o homem no Buriti, seu Osvaldo dono de cartório, dono de usina de arroz, onde vinha pilar os arroz que nos culia, dono de caminhão dono de tudo, ai eu foi la, passei a prosa toda pra ele, ele coçou a cabeça assim e falou Chiquim eu tenho dor você um homem muito trabalhador, gostei muito do seu serviço, você que acituaram aquele monte de terra pra mim, ta todo empastado mais eu não posso pagar seu arroz não! Seu arroz dá muito dinheiro não posso pagar não, pois é seu Osvaldo você não pode pagar o dinheiro, mais eu posso passar fome mais minha famia? Mais já que você diz que não pode pagar, mais você seu Osvaldo pode ter certeza, nunca vai ver eu na sua porta pedindo um quilo de arroz pra mim dar pra minha famia não.

E ai eu vim mimbora quando eu cheguei aqui, seu Francisco um cumpadi que é um home de deus no céu e ele aqui na terra, ele fez uma coisa com migo me alembro como paim faz com o fi, eu contei pra ele, ai ele me falou cumpade vai trabalhar faz de conta que foi um

dedo seu de você cortou e jogou po mato, ai foi ajeitar a roça e foi fazer um barraco ai quando eu terminei de alimpar o arroz eu trouxe a família aqui pra dentro.

Quando o arroz madureceu eu já tava aqui dentro, daí até o dia que eu to hoje. E quando eu tava na labuta o cumpade Osvaldo me sustentou um ano, eu perguntando todo tempo, cumpade quando é que eu lhe devo? Ele dizia nada não, vai trabalhar, ai é o caso que eu falo não é nem todo pai que faz isso com o próprio fi, e eu devo essa firmeza a ele, ai somos trabalhar e vem vindo vem vindo, aqui uma lugar muito bom de muita fartura nessa época as terras um lugar muito sadio, e naquela época não tinha essas frescuras que tem hoje por que naquele tempo eu vivia com aquela casinha bem ali cheinha de arroz. E as estradas não tinha, as estradas la das Quatro Bocas até o Campestre passando pelo Chico Teia, foi tirado a braço de homem, nós todo dia tinha dezoito dezenove home trabalhando no machado e na foice uns fazendo arrastão cavando e socando, ai quando nós tava a terminando ai que apareceu o Pedro Cachaça ele tinha um moto serra, e ele ainda deu duas diárias pra nós, ai fiqueno e até hoje, eu e minha família mora nessa região, já hoje eu tenho vontade de sair daqui mais a família não quer sair.

A Primeira escola foi na comunidade Campestre, eu foi quem inpeleitei a casa com o Zé Guilherme ele nesse tempo era o prefeito eu inpeleitei e cubri tampei aterrei as bancadas feita de talo de coco, ai sentava em cima dos talo, ai depois surgiu essa daqui das Quatro Bocas ajudei também feita de cobertura de palha e com talo de coco, ai começamos a bota pra pressionar. Essas terras foram tudo grilada não foram compradas nenhuma, na sede só era titulada 600 alqueires, o resto de lá praca, ele botou tudo pra ir embora, e aquele que não saia colocava pistoleiro, empurrava com o trator, mais mandou tudo embora, incluse um dos cara que ainda cheguei a conhecer aqui ainda morava na beira do rio na Ponta de Pedra era um dos jagunços dele, o finado Raimundo Buji Morava aqui no Campestre e nessa época eles saíram pro São Francisco ai la no eles deram uma botada lá um dia ai que certo que foi preciso o Raimundo Bugi matar um cara ai foi preciso embora ai depois bem aqui no Campestre fizeram uma trincheira e fizeram fogo, inclusive o irmão do Ogeno pegou um balaço correu foi bater no brejo Grande e veio aqui passear o ano retrasado só unde o irmão dele e voltou, e quando ele chegou em casa passou duas semanas ele morreu o vei só vivia doente, mais só quem voltou foi o Ogeno e o pai dele.

E a construção da escola Municipal Silvino Rodrigues Costa, nós se ajuntemo por que tinha um magode de menino ai. Então a dona Graça tava lá e disse nós vamos se ajuntar aqui e vamos caçar meio de fazer uma escolinha aqui pra lecionar eu sou Professora ai. E nesse tempo as crianças não estudavam não, nem iam pra rua, por que não tinha transporte, só as

crianças pequenas, ai já tinha duas né a do Campestre e das Quatro Bocas, ai foram conseguindo pra tirar pra Vila Tocantins que era a cidade mais próxima. Aquela Maria do seu Elizeu ela viajou de mais das conta de bicicletinha pra Vila par chegar na posição que ela ta hoje, ai quando surgiu umas estradas meia rui, ai o INCRA começou entrar de vagarim reparando, rapaz fizeram uma estradinha, foram observando agente trabalhando e disse rapaz agente vai ajudar, então começamos trabalhar trabalhar, e ajuda que o INCRA vem ajudando nós é muito atoa aquela ajuda deles, não tem um recurso aplicado aqui dentro, tirando essas casinha mal feita que eles fizeram, não tem outra coisa não. A escola foram o povo mesmo da comunidade que fizemos, todo mundo, só falava, vamos fazer vamos.

Depois foi indo foi indo e começou a surgir prefeito ali na Esperantina, ai fumo ajudando fumo cobrando as escolas ai que é certo que quem construiu a escola das Quatro Bocas foi o Demar, foi indo foi indo reformando reformando, até a situação que ta hoje. E hoje nos temos mais de Três colégios dentro desse assentamento, o estudo num é bom mais ta o melhor do que o que tinha, e hoje tem uma escola aqui agrícola, e só não estuda quem não quer, e ai aquela coisa, meus fi não são sabido mais cada um sabe um poquim.

Eu tinha vontade de formar umas das minha menina, tava até animado, mais quando pensei que não já tava ajeitando home, há num vou gastar dinheiro com isso mais não, ai a filha da gente quando é pra adquirir um companheiro ele promete tudo na vida, depois que ta de baixo dos braços dele caboussenum vai mais não. Depois que grilou as terras nós fizemos os variantes nela todinha, e quando o INCRA entrou pra medir, ai vinheram aqui fizeram uma reunião, nós tudim com os sítios plantados, ai pra fazer a norma do INCRA muitos deles vão ficar sem o sitio, e nós, não pois vamos fazer o seguinte, nesse tempo era o Luiz Evandro que mexia aqui com nós, então vamos exigir o direito de respeito era esse o combinado, ai uns ficou com nove alqueiro, outro com oito, cinco, com seis, foi assim bem variado, e todo dividido, ai depois que enfiaram os porte nesse tempo nós tinha união e a luta nos tirava em todo lugar em primeiro lugar com o sindicato e associação, quando era pra ir pros lugares eu mais aquele seu Elizeu não precisava se socio com dinheiro não, nós tinha nosso fundo de reserva ai lai vai lai vai, tirando uma coisa por outra eu trabalhei seis anos como delegado de sindicato.

Quando nós começemos tinha dia aqui que era pra fazer uma viagem eu vendia arroz, nesse tempo o comprador de arroz era na porta, e fazia minha diária, ai lai vai lai vai e seu Elizeu foi delegado depois presidente foi o home que trabalhou mais nós e hoje ta prostado, e ninguém diz assim seu Elizeu ficou com dinheiro de fulano de tal, não essa fama ele não tem.

E hoje nossa associação pode dizer que ta acabada por foi mudando de presidente foi mudando, ai hoje é aquela coisa se você gasta muito e não ver resultado não ver futuro ai você vai e desiste não vou mexer com isso mais não que tou gastando dinheiro atoa, então mudou pra cumade Cícera e a cumade Cícera tem uma correria danada ela corre prum lado corre pro outro, e muitas vezes você fica desorientado que não tem quem lhe oriente. E hoje em dia das pessoas que ganharam suas terras a maioria venderam, tem mais ou menos uns 20 proprietários desde o inicio da luta, os que os donos morreram tão com os filhos um número muito pequeno pra o tanto que lutaram. E eu nunca foi com agresencia com ninguém hoje eu e minha mulher tamos todos dois vei, criemo minha famia todinha e tamo si batendo pra criar neto bisneto, que fica friviando.

2ª Entrevistado

Eu Francisco Alves de Oliveira conhecido como Buneco, nasci em Esperantina do Piauí eu cheguei aqui nesse lugar no dia 19 de junho de 1988 e não tinha nem um ano de casado não, eu já vi mais a mulher morando na beira do rio perto do lote, e já tinha um barraquinho Pronto que era de um rapaz que teve a invasão aqui, que o pessoal invadiu, antes eu tinha dado uma entrada aqui quando o pessoal começaram a invadir a Santa Cruz demarcar umas cercas eu entrei também, em 86 o rapaz que era dono do lote na qual eu sou dono hoje resolveu sair, e ai o lote foi meu, e ele saiu deixou só o recado que era pra mim pagar vinte mil cruzeiro por mês, nesse tempo vinte mil cruzeiro era dinheiro, e ai eu tinha só uma mandioca nu ponto de farinha e foi mais a mulher fazer farinha pra pagar o dinheiro, e fomos trabalhando pra pagar o homem que era o dono, e quando estava com um mês estava com o dinheiro Pronto.

Nos anos noventa em março me parece a Conceição minha mulher começou lecionar, aqui na Santa Cruz na comunidade Campestre surgiu a primeira escola, nessa que a Conceição começou a trabalhar, e aqui tinha muita criança um lugar novo cheio de gente, aqui era uma vila muito grande, antes nos anos sessenta pra lá aqui tinha tudo comercio grande farmácia etc. mais quando vinhedos era um lugar esquecido, reaberto pelo povo. E por aqui a uma pessoa que tinha um cursinho pra lecionar ela a Conceição, e ela iniciou na igreja por que não tinha escola, só depois que construíram uma tapera a braço dos homens da própria comunidade, por que os políticos nem se importavam.

Com a emancipação de Esperantina Conceição saiu do cargo, o prefeito na época era o Deumar não gosto por que ela foi contra né na eleição, ai colocou a sobrinha dela no lugar

dela e a mãe dela de merendeira, ai seguimos trabalhando na luta na roça como sempre. Quando foi no final do mandato do homem vinheram aqui em casa pra ela voltar pro cargo, a sobrinha dela só ficou um ano no cargo ela não tinha nem a quanta série completa, e não deu conta do recado era menino de mais, pra trabalhar do pré ao quarto ano que nesse tempo era a quanta série, ai entrou a Denilma entrou a Vilma, o Jessivan, a Toinha, assim uma seção de pessoas que entraram por uma temporadazinha e ai largava não dava conta,

A estrada que agente trafego pra beira na BR, até um certo meio tinha o corredor, e mais pra cá tinha só as veredinhas, tinha um caminho mesmo aberando o rio pelo São Francisco só um problema que tinha duas grotas no verão era de boa, por que secava e passava de boa, mais depois o pessoal daqui fizeram uma ponte pra poder passar bem estreita, mais que ajudou bastante pra passar de pé ou de bicicleta era fácil agora de animal era muito difícil.

No ano de 98 eu comecei a trabalhar na escola eu tinha só a quarta série e eu tinha feita essa quinta série em 1977 daí pra cá não estudei mais, assim eu não ia pra escola, mais eu gostava muito de ler de desenhar gostava de fazer conta, muita gente vinha aqui pra mim cubar uma roça pra saber quantas linhas tem, ai foi lecionar na escola e eu não achei difícil não, e foi indo foi indo eu foi dando conta do recado e até hoje em 2018 já ta com pra praticamente 20 anos eu nessa luta, passei quatro anos trabalhando a noite trabalhando com velhos jovens, ai foi o tempo que chegou energia aqui, eu achava tão bom que nós ia assistir uma novelinha.

E esse lote que moro até hoje permanece no meu nome era uns 12 alqueiro de terra quase todo em mata por que o que era dono fez só uma roça, quase 100% era mata e essa primeira roça deu uma seca terrível que o arroz morreu todinho. Então teve uma indenização aqui e com esse dinheiro fiz uma casa aqui desmanchei a casa de palha fiz uma te telha, fiz um poço e somos levando a vida, e conceição todo tempo trabalhando e quando eu comecei em 98 ela já estava com oito ano na luta, na escola Municipal Silvino Rodrigues Costa das Quatro Bocas pouca lembrança que eu tenho, que Gonzaga que morava pra lá, e lá era uma escolinha que nem aqui também um ranchinho que a graça foi umas das primeiras a trabalhar lá, me parece que nesse época aconteceu com ela o mesmo que aconteceu com a Conceição ela foi traída por conta de política, e nós fomos assistir reuniões lá nas Quatro Bocas.

O seu Francisco de Jesus Filho que até hoje conhecido como seu Chiquinho ele foi um dos primeiros moradores, ele enfrentou até os pistoleiros ainda. Só sei que quando nós começamos aqui era tão difícil, começamos a igreja e depois mudamos lá pra minha casa onde tinha um barracão, não tinha cadeira não tinha nada, nós fizemos uns giral de talo de

coco coloquemos uma taba por cima, as crianças ficava de joelho no chão e escrevia em cima do banco que nós mesmo fazia, foi nós mesmo que organizemos as coisinhas, nós enfiava umas forquilha e colocava uns três talos de colo bem largo, ficava bem ajeitadinho, cabia umas seis crianças em cada banco, não tinha encosto nada disso, só era o banco seco mesmo, somente pra sentar, a bunda doía que só.

O quadro era um quadro vei verde só de um metro, a mesa era uma lá de casa mesmo que nós levava, ai tinha giz que a prefeitura dava mesmo, e naquela época a merenda que vinha era muito boa, o leite vinha era em saco, numas latona grande era umas latas de vinte litro vinha cheinha. Nesse tempo o pessoal aqui produzia muito fazia muita roça tinha bastante arroz, muita farinha, todo mundo colocava suas roças, não tinha esse negócio de bolsa família não, quem já era idoso que se aposentava tudo bem quem não era tinha que trabalhar pra sustentar a família. Quando o partido dos trabalhadores começou a fazer sucesso no mundo inteiro, ai começou a trazer esses programas do governo ai.

3ª Entrevistas

Eu Eugenio Pereira nasci em 1950, cheguei aqui nessas terras no dia 29 de junho de 1969, aqui no bico era conhecido como Goiás. Em 1988 e 1989 que começaram a querer passar pro Tocantins. Vim com meus pais e irmãos pois aqui que hoje chamamos de P.A Santa Cruz II, era uma terra nacional, naquela época quando falava que era nacional era de todos quem chegava escolhia um pedaço e ia zelar por ela. E la pro maranhão e pro Piauí as terras era de dono, nós não tinha direito, só de trabalhar nas terras mais não com direito nelas só como funcionário mesmo. Quando nós tava morando em Axixá, surgiu esse direito pra essas bandas, que a princesa Isabel tinha liberado essas terras.

Aqui no P.A. naquele tempo era chamado o bico do Goiás, e princesa liberou essas terras e papai disse pois, nós vamos é pra lá, pra ver se nós consegue uma terra que era nacional, ai nós decemos pra essas terras pra trabalhar. Um exemplo se a pessoa quisesse trabalhar se tu quisesse trabalhar ficava num pedaço, se teu pai quisesse trabalhar escolhia outro pedaço, e foi assim. E quando chegou muita gente só quem tirou um pedaço bom foi meu pai tirou 88 alqueiro pra nossa família, ai liberou o resto pra todo lado pro outros, e naquele tempo do IBRA como esse mesmo pessoal do INCRA hoje (Programa do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária), ai nossa terra faz divisa na estrada, do lado a nossa tinha do pessoal da Naide do Mundico Pinaje, outras do Sabino dos liziara dos outros. Ai nos chagamos colocamos as roças e ficamos morando ai, vinhemos sair em 1975 que o

fazendeiro chegou e botou todo mundo pra fora aquele senhor de Bilizaro, mais ele nunca provou com documento que essa terra era dele, e nós tinha o documento dado pelo IBRA esses direitos. Mais só depois de dois anos que tinha se abuletado, trabalhando e morando que eles arrumava esse documento, não era só você chegar e dizer que é eu e documentara não.

Em 1975 começou o conflitos falando que a terra era dele, falou que tinha documento foi corrido até em Brasília e ele não tinha esse documento, ele queria fazer desfecho de nos, mais ai nos fomos la no oito, “ o oito era o quartel do exército que apoio nos” , e ele apoio nós, falou que nos não era pra sair. Mais quando o exercitotava aqui tudo bem quando saia o vei Bilizario era um coronel dono do dinheiro, ai chegou trouxe um ro de pistoleiro e botou em nós pra matar nós todo mundo. Um irmão meu foi baliado, eu também me estaiei aqui nas costelas na perna nós era 16 desse dia, mais nós era 80 e poucos homens e eles deixaram pra atacar quando nos tava pouco, avalença que as mulher num tava. Mais também não morreu ninguém, eles tavam com muita gasolina por que queriam matar nós e queimar nossos barracos, mais Deus não deixou, mais ai com esse jogo que fizeram tivemos que sair todo mundo.

O coronel Bilizario falou se nós tomasse conta dessas terras ele vestia saia, ai o Padre Josimo Moraes Tavares falou, pois tu vai vestir por que nós vamos tomar conta dessa terra. E no dia 06 de junho de noite o menino passou o fax pra ele igualmente teu celular ai, na merma hora Bilizario recebeu o fax, que naquele tempo era o radio amator. E quando Bilizario viu que nós para pruseguindo todo mundo colocando suas terras. E os pistoleiro dele filmou nós lá perto do Antônio Kacoar todo mundo reunido e levou lá pra sede, e quando Bilizario viu infartou só de raiva, no mesmo contenente ele se apagou lá de raiva. Ele havia falado se nós tomasse conta dessa terra ele ia vestir saia, não vestiu mais morreu.

No Campestre era um lugar bem desenvolvido tinha comercio grande uma rua na beira do rio, foi onde os pistoleiros tocaram fogo. Os estudos eram nossos pais, que era assim se você tinha estudo nossos pais ajuntava a população rapaz bora botar um professor aqui pra ensinar nossos minino ai os pais pagava pra quela pessoa quem dera se fosse homi ou mulher que interesse se ensinar as crianças, e cada pai dava um total, e professor dizia eu faço portanto por mês, ai cada pai de famia já ia dar aquela pucetage pra dar aquela numeridade até controlar.

Vinheiram construir uma escola em 1979, construída não, fizeram um barraco coberto de palha e radiavanate o meio da parede de palha, e os bancos eram de imbaúba feita um varão, enfiava as furquia e colocava varão em cima, muleque ficava sentado né, e professor tinha uma cadeira, mais os alunos não tinha direito de cadeira não. A mesa tinha pra receber a

lição e entregar pro professor que hoje eu vejo é no quadro, antes tinha a cartilha o ABC e primeiro ano.

Foi duas vezes esses conflitos entre os pistoleiros e nós. As estradas não tinham, e do Buriti pra cá fomos fazendo uma vareda junto com um homem do Buritir que conhecia, com a foice e o machado e íamos abrindo pra passar com o jumento com carga, e a carga era jaca e mala as condução as pessoas desse tempo era esse.

Hoje as pessoas acham as coisas difícil, mais hoje ta tudo fácil ninguém quer arrumar dificuldade, mais de primeira tinha muita dificuldade. Eu me casei em 70, nos chegamos em 69, ai arrumei uma cumpanheira ela queria casar e eu também ai casemo, no primeiro fio o cara fez despejo de nós, ai fumos pro Pará e depois voltamos.

Em 77 nos teve o primeiro filho, nós tava com 5 anos de casados o povo dizia rapais marinha tu num vai ter filho não, e em 1977 tivemos o primeiro filho, eu tinha filhos com outra mulher, mais com ela era o primero, ela era incutida mais eu dizia muier é por que não chegou a hora ainda.

Ai toqueno a vida de la pra ca diretamente, quando foi em 80 nasceu outro menino, esse ano teve uma inchente pesada no rio Araguaia nós fiqueno um dia dentro duma noite dentro da canoa era uma canoa boa , eu cordeisuntando as galinhas de pinto fazendo corocococorococo, e eu disse é agua eu suntava aqueles sapinxiiii, ei falei Maria parece que a casa ta tomada de água, ela disse é nada, e falei sende a lamparina ai ei ela cassou com a mão a lamparina e não achou. Avaleça que a rede dela era alta, e eu levei a mão e topei em água, e falei mulher tu derramou água aqui? Ela disse, nam! Eu levei a mão no meu moco que ficava perto da rede inpidurado, e alumiei vimos tudo cheio de água, tava pra topar no fundo da rede do menino, ai Maria subiu nas trevessas levou o menino.

Quando controlou meu corpo ai eu disci pra dentro d'água e foi nadando lá na canoa onde estava marrada numa raiz da capuerandia com uma corrente, e voltei nadando pra casa busca um ferro pra cortar a corrente, e foi trouxe a canoa a base de umas quatro horas da madrugada, cheguei ela entrou pra dentro da canoa mais o menino, e disse agora bora na casa de papai e mamãe sei que estão tudo dentro d'água, cheguei lá estavam tudo atrepado na cumieira da casa, passei na casa de um irmão meu parei ele já tinha ido pegar a canoa dele e estavam tudo dentro, nós morava tudo perto, e falei papai por que você não gritou, ele disse achei que cêstava acordado. Coloquemos todo mundo dentro da canoa e saímos pro turrão, maissemos o dia lá desse turrão, que era um lugar mais alto, um monte de terra, era só um pedacinho.

Ai passemos um mês fora da beira do rio, e a água ainda foi lá perto dos nossos barracos. Mais quando foi no dia 5 de Abril dos anos 80, a água quietou barrou de subir a água, então ficamos lá alegre que o rio secou um pouco, e quando foi no dia 9 de maio subiu a água de novo, e sumo pra mais adiante da mata, só que a água passou mais adiante da nossas casas, no dia 19 de maio foi que a água esbarrou e parou de subir e voltou o normal.

Em 1988 deu outra enchente só que não foi como a primeira de 80 não, pra nós foi a maior inchente que deu aqui na região foi nós anos 80. Então arrumemos as casas de novo, por que o barro iscabuliu tudo, fomos tornar amassar barro e encher, só que as valas os insteito ficou tudim, e fumo tornar cavar outro barro que aquele a inchente carregou completo. Perdeu algumas coisas e atrepemos, um bucadodas besteira que agente tinha perdeu, a água tomou e nós não podia ir mexer com elas lá, nós queria se livrar era nós pra fora da água. Minha roça era no alto avaleça, só quem tinha roça com pedaço de mandioca perto do rio perdeu tudo, quando passou a inchente e foi la pegar no pé tudo podi e tudo pubo, num prestava pra nada ai ficou, foi essa confusão foi pesada nessa época.

E eu Eugenio graças a Deus estou contando a vitória, por que se não fosse vitória agente tinha morrido, mais foi no dia 09 de outubro que os pistoleiros atacaram nós também nove horas da noite, e o que atacou nós se acabou pelas mão deles mesmo, se estranharam pra lá. Por que a nossa turma ninguém atingiu ninguém de nós mesmo, nesse tempo na nossa barraca tinha 16 redes não ficou uma atrepada eles cortaram os punho só de bala, as redes tava tudo no chão cuma macarrão, e um pistoleiros deles lá, tacou fogo num lá pensando que era um de nós e era um deles lá mesmo, atingiu o companheiro dele lá mesmo, esse que foi atingido morreu nas mão do Meneses em Araguatins, que era um doutor. E o cara que era o mandão desse serviço de comandar os pistoleiros era o Monteiro ele era um grande pistoleiro do Bilizario, eles diziam que era uma quebra de milho acabar com a vida dos outros. O Monteiro cansou de chegar lá em casa como amigo, era o pior inimigo, andava só pesquisando as pessoas.

5.1 As entrevistas

Diante dos relatos dos entrevistados pude perceber que a história do P.A (Projeto de Assentamento) Santa Cruz II, é importante deixar registrado, para que as futuras gerações tenham conhecimento que o P.A, na qual o mesmo teve todo um processo de luta, pois, a mesma sofreu várias transformações ao longo da história. Desta forma é importante deixar

registrado para que os mesmos tenham conhecimento do processo histórico do local onde residem.

Como foi possível observar, a luta pela conquista da terra foi dura, muitos tombaram e outros desistiram para que houvesse essa conquista, mas pelos relatos, observa-se a garra, o empenho e a força de cada um individualmente e no coletivo, destaca-se também o apoio externo prestado por religiosos na organização dos trabalhadores.

Os desafios encontrados durante a pesquisa foram poucos, onde um desses foi a dificuldade de encontrar as pessoas para as respectivas entrevistas. Na qual teve que ir duas vezes à casa de um dos entrevistados para encontrá-lo o mesmo estava trabalhando na roça fazendo suas plantações. Mais da segunda vez encontrei e conversamos sobre a luta pela terra.

Portanto, para que os moradores conquistassem suas terras houve um processo de luta pela mesma que enfrentou vários obstáculos no decorrer dos anos como salienta o terceiro entrevistado. O senhor Eugenio Pereira que durante seu relato vem enfatizar que “chegou nessas terras hoje chamado de P.A Santa Cruz II, no dia 29 de junho de 1969, na qual aqui antes era chamado de bico era conhecido como Goiás. Em 1988 e 1989 que começaram a querer passar pro Tocantins.” Então foi um processo de luta onde moradores foram atingidos pelos pistoleiros que queriam tomar as terras dos camponeses.

Em sua entrevista o primeiro entrevistado relata que chegou para a região do P.A Santa Cruz II, nos anos 80, o mesmo enfrentou muitas dificuldades ao chegar para a região do Bico do Papagaio, umas das maiores dificuldades que retrata ao chegar foi ter que passar por dentro de uma água a pé, para poder ter acesso a tão sonhada terra.

Todavia, todas as entrevistas vêm relatar suas trajetórias de vida, abordando seus aspectos históricos para a conquista da terra e a implantação da escola Municipal Silvino Rodrigues Costa na comunidade, trazendo melhoria para as pessoas que residem na mesma, onde muitos filhos dos camponeses nem tinha acesso à escola. Só depois que veio a conquista pela terra e a implantação da escola.

Compreendemos através dessa pesquisa, que os moradores tinham dificuldades para ir até a cidade mais próxima para levar seus filhos para estudar, por não terem condições financeiras, até mesmo por que não tinha estradas para trafegar. Existiam apenas umas veredas que os próprios camponeses faziam quando queriam a algum lugar.

É importante salientar que através das entrevistas feita na comunidade P.A Santa Cruz II, me proporcionou a conhecer melhor a realidade da comunidade pesquisada. E como foi o processo de implementação da escola. A Priorie entender como ocorreu o processo de luta dos moradores e compreender o procedimento de implantação da escola municipal Silvino

Rodrigues Costa e fazer um registro histórico desse processo para que os moradores do assentamento Santa Cruz II possam no futuro se reconhecer e conhecer essa tão importante história.

Quadro 1 - Voluntários entrevistados.

Entrevistados	Idade	Local onde reside	Naturalidade
Francisco de Jesus filho	70	P.A (Projeto de Assentamento) Santa Cruz II	Piauí
Francisco Alves de Oliveira	57	P.A (Projeto de Assentamento) Santa Cruz II	Esperantina-PI
Eugenio Pereira	68	P.A (Projeto de Assentamento) Santa Cruz II	Axixá - TO

Fonte: da autora (2018)

Este quadro acima apresenta o total de entrevistados que fizeram parte da minha pesquisa, na qual os mesmos contribuíram de maneira relevante para a construção do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada retrata a luta de várias vidas, mostra a trajetória de luta e conquista do pequeno pedaço de chão, que para o camponês é seu maior tesouro. Durante a realização desta foi possível ver porque grandes partes dos movimentos sociais que defendem os trabalhadores, sobretudo os do campo, são marginalizados. Viu-se que através dos tempos o conceito de produção adotado pelo governo prioriza os grandes empresários do campo com suas imensas lavouras de monocultura.

A pesquisa remeteu ainda a uma nova realidade, que se intensifica a partir da década de 80 com a institucionalização de movimentos organizados de trabalhadores rurais engajados na luta pela conquista da terra.

Os conflitos por terra foram sangrentos na região, até mesmo um membro do clero fora assassinado simplesmente por defender o direito dos trabalhadores. A pressão sobre os trabalhadores foi enorme, mas, a resistência deu-lhes uma visão organizativa capaz de definir um novo rumo em suas vidas individual e coletivamente. O sentimento de pertencimento a uma categoria enche-lhes de orgulho.

A pesquisa revelou ainda caminhos, técnicas e diretrizes que permitem ao pesquisador isenção quanto à proximidade com o objeto, pesquisar em um ambiente que se está acostumado é antes de tudo um exercício de estranhamento da realidade, é distanciar-se mesmo estando presente. E os mecanismos de pesquisa permitiram observar o objeto por um ângulo ainda não visto.

Quanto a luta e conquista da terra e do direito a educação no P.A Santa Cruz II, cabe aqui parafrasear o ilustre escritor brasileiro Euclides da Cunha quando afirma que “o sertanejo é antes de tudo um forte”. Isso porque uma coisa é ouvir alguém falando vagamente do que foi a luta, outra bem diferente é conhecimento dessa luta por que de fato lutou. Ao ter contato com a estratégia de organização dos trabalhadores em pequenos grupos para resistir à pressão dos pistoleiros e para se manterem vivos, e mesmo diante de tudo isso ainda trabalharem na roça em forma de mutirão como estratégia de sobrevivência a algum ataque mostra o quanto sofreram e quão importante é essa terra para eles.

Quanto a escola, descobriu-se que a escola apesar de tanta luta para ser conquistada, hoje como muitas outras até mesmo na cidade, passa por um momento crítico, os alunos não mostram interesse, o modelo de educação apresentado atende apenas em parte as necessidades da comunidade, adotando o sistema oficial de ensino prioriza o currículo oficial com

formação genérica como as escolas da cidade. Entende-se que um currículo que atenda às necessidades locais seria mais bem desenvolvido junto aos camponeses.

Por fim a pesquisa é um caminho do conhecimento da realidade, a realização desta permitiu a esta graduanda contato com um universo ao mesmo tempo familiar e exótico, pois o contato com esta história a partir do contexto metodológico da ciência propiciou grande avanço na minha vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli; MOLINA, Mônica Castanha. **A Educação Básica e o Movimento Social do Campo**. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BAVARESCO, P. R.; RAUBER, V. D. Educação do Campo: uma trajetória de lutas e Conquistas. **Unoesc & Ciência** – ACHS, Joaçaba, v. 5, n. 1, p. 85-92, jan./jun. 2014.

CANUTO, Antônio; BALDUÍNO, Dom Tomás; “**Reforma Agrária, Ontem e Hoje**”. Salvador Julho/agosto, 2003.

COSTA, Maria Lemos; CABRAL Carmen Lúcia de Oliveira. Da Educação Rural à Educação do Campo: uma luta de superação epistemológica/paradigmática, **Rev. Bras. Educ. Camp. Tocantinópolis**, v. 1, p. 177-203 jul./dez. 2016.

DAMASCENO, Maria Nobre; BEZERRA, Bernadete. Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas. **Educação e Pesquisa**. V. 30, n. 1, abr. 2004.

_____. **Estudos sobre educação rural no Brasil: estado da arte e perspectivas**. Educação e Pesquisa. V. 30, n. 1, abr. 2004.

Família Agrícola brasileira. 2018. 232f. Tese (Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, TO, 2018.

_____. **Contribuição ao estudo do campesinato brasileiro. Formação e territorialização do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra –MST**. 1979-1999. Universidade de São Paulo, 1999. (Tese de Doutorado)

_____. **Questão Agrária, pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez Editora, 2001

_____. **A Ocupação Como Forma De Acesso À Terra**. 2001. Disponível em < http://www2.fct.unesp.br/nera/publicacoes/fernandes_ocupacao.pdf > Acesso em 10 out. 2018.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988, p. 214.

FERNANDES, Bernardo. Mançano. **Os campos da pesquisa em educação do campo: espaço e território como categorias essenciais**. A pesquisa em Educação do Campo, v. XX, p. X-I, 2006.

FERREIRA, Fabiano de Jesus; BRANDÃO, Elias Canuto. Educação do campo: um olhar histórico, uma realidade concreta. **Revista Eletrônica de Educação**, São Carlos, Ano V. nº 09, jul./dez., 2011.

_____. **Educação do campo: um olhar histórico, uma realidade concreta**. Revista Eletrônica de Educação, São Carlos, Ano V. nº 09, jul./dez., 2011.

FIGUEIREDO, João; STÁBILE, Ângelo Amauri. **DECRETO-LEI Nº 1.799, DE 5 DE AGOSTO DE 1980**, Brasília, 5 de agosto de 1980; 159º da Independência e 92º de República.

FILHO, José Luiz Alcântara; FONTES, Rosa Maria Oliveira, **A formação da propriedade e a concentração de terras no Brasil**, Revista de História Econômica & Economia Regional Aplicada – Vol. 4 Nº 7 Jul-Dez 2009.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HELOISA, Salles Gentil; ILMA, Ferreira Machado. A configuração da educação do campo em dois assentamentos rurais em Mato Grosso Educação. **Revista do Centro de Educação**, vol. 40, núm. 1, enero-abril, 2015, pp. 155-168. Disponível em < <http://www.redalyc.org/pdf/1171/117132892012.pdf> > Acesso em 10 out. 2018.

LAKATOS, Eva Maria.; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos metodologia científica**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. **Fundamentos metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1991.

_____. **Metodologia Científica**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MOREIRA, Frei Gilvander. **Padre Josimo Tavares, outro Cristo no nosso meio**: 31 anos de martírio (em 10/05/1986), na luta pela terra. Revista diária fundada em 13 de maio de 2000, 2017. Disponível em <<http://consciencia.net/padre-josimo-tavares-outro-cristo-no-nosso-meio-31-anos-de-martirio-em-10051986-na-luta-pela-terra/>>. Acesso em 16 Outubro. 2018.

OLIVEIRA, Nilton Marques de; CRESTANI, Leandro de Araújo; STRASSBURG, Udo; Conflitos Agrários no Bico do Papagaio, Tocantins, **Revista IDeAS**, v. 8, n. 2, p. 195-222, 2014.

PORTAL DA EDUCAÇÃO. **Projeto Político Pedagógico/ A identidade da escola**. Texto fragmentado do material didático – Sistema de Ensino Portal Educação e Sites Associados, 2008, P. 1. Disponível em: <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/projetopoliticopedagogicoaidentidadedaescola/3550>>. Acesso em 23 jul.2018.

PROJETO VIVENCIAL. **Projeto Político-Pedagógico: dimensões conceituais**. Projeto Vivencial P.1. Disponível em: http://escoladegestores.mec.gov.br/site/2-sala_projeto_vivencial/pdf/dimensoesconceituais.pdf > Acesso em 22 jul.2018.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

RAMOS, Marise Nogueira; MOREIRA, Telma Maria; SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Referências para uma política nacional de educação do campo**. Brasília: MEC/SEIF, 2004.

RIBEIRO, Marlene. **Reforma agrária, trabalho agrícola e educação rural: desvelando conexões históricas da educação do campo**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 41, n. 1, p. 79-100, jan./mar. 2015.

RIBEIRO, Marlene. **Educação Rural**. In: CALDART, Roseli Salette et all (Orgs.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

_____. **Reforma agrária, trabalho agrícola e educação rural: desvelando conexões históricas da educação do campo**. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 41, n. 1, p. 79-100, jan./mar. 2015.

SANTOS, Aline Teles; MIRANDA, Elinaldo Ferreira. **Educação Do Rural Versus Educação Do Campo: Paradigmas E Controvérsias**. 2017. Disponível em <

<http://periodicos.uesb.br/index.php/semgepraxis/article/download/7206/6990>> Acesso em 19 outubro.2018.

SANTOS, Clarice Aparecida dos. **Referências para uma política nacional de educação do campo: caderno de subsídios / coordenação** – Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo, 2004.

SANTOS, Fábio Ferreira; SANTOS, Josefa de Lisboa. **O MST E A LUTA PELA TERRA NO CAMPO BRASILEIRO**. 2012. Disponível em< http://www.lagea.ig.ufu.br/xx1enga/anais_enga_2012/eixos/1337_1.pdf> Acesso em 10 out. 2018.

SECRETARIA MUNICIPAL DA EDUCAÇÃO. **O Projeto Político-Pedagógico (PPP)**. Escola Municipal Silvino Rodrigues Costa Esperantina - TO. P.01-14, 2010.

SILVA, Cícero da. **Pedagogia da Alternância: práticas de letramentos em uma Escola Família Agrícola brasileira**. 2018. 232f. Tese (Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura) - Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, TO, 2018.

_____. **Pedagogia da Alternância: práticas de letramentos em uma Escola**.

_____. **Pedagogia da Alternância: um estudo do gênero caderno da realidade com foco na retextualização**. 149f. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura). Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2011.

_____. **Pedagogia da Alternância: um estudo do gênero caderno da realidade com foco na retextualização**. 149f. 2011. Dissertação (Mestrado em Letras: Ensino de Língua e Literatura). Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2011.

SILVA, Cícero da. **Políticas Públicas Para Educação Do Campo: Uma Luta Dos Povos Do Campo**. Tocantinópolis: s/n, 2014.

VEIGA, José E., O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento. **Revista Estudos Avançados** 15(43) 2001, pp. 101-119. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília, 2001.

_____. **O Brasil rural ainda não encontrou seu eixo de desenvolvimento**. Revista Estudos Avançados 15(43) 2001, pp. 101-119. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília, 2001.

VENDRAMINI, Célia Regina. **Educação E Trabalho: Reflexões Em Torno Dos Movimentos Sociais Do Campo**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 121-135, maio/ago. 2007.

_____. **Educação E Trabalho: Reflexões Em Torno Dos Movimentos Sociais Do Campo**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 27, n. 72, p. 121-135, maio/ago. 2007.